Irmgard Bauer, nascida em 1956 em Munique, estudou ciências da educação para a profissão docente. Ela nunca exerce esta profissão, porque tem quatro filhos cedo e pouco depois um do outro. Para além de educar as crianças, ajuda o marido a construir um negócio de charcutaria com venda por grosso de vinho.

Em anos posteriores ganha a vida como redactora publicitária freelancer e trabalha no departamento de comunicação de várias empresas e como editora de revistas de empregados. Desde 2008 tem vindo a realizar medidas de formação de equipas para empresas e é professora universitária de competência de equipas. Vive em Munique com o seu segundo marido, que é um professor Montessori.

Irmgard Rosina Bauer

A vida pode ser tão difícil

Treze e meio

sobretudo histórias verdadeiras

Sophie alias Susanne alias S. está presa nos seus princípios: Um homem machista pode ser um homem machista, e um casamento deve ser mantido a todo o custo. Especialmente porque Sophie e o seu marido têm quatro filhos e os divórcios "na altura" não eram tão comuns como são hoje.

Os diferentes papéis das mulheres nas histórias de uma única mulher deixam-no olhar no fundo do seu coração ao longo de décadas. O seu objectivo comum é poder dizer: "Eu amo a minha vida".

No seu caminho para lá, Sophie alias Susanne alias S. ganha novas liberdades e, no entanto, volta a cair vezes sem conta. Ela procura reconhecimento e sofre um esgotamento como resultado. Ela quer sair do seu papel de vítima, mas a forma de o fazer é longa ...

"A vida pode ser tão difícil é uma história de vida envolvente em treze histórias e meia, na sua maioria histórias verdadeiras.

© 2016 Irmgard Rosina Bauer

Desenho da capa: Martina Scholle, Munique

Foto da capa: Johannes Bauer, Munique

Gabinete editorial: Ulrich Hoffmann, Hamburgo

Editora: tredition GmbH, Hamburgo

978-3-7345-7098-8; 978-3-7345-7100-8

Impresso na Alemanha

A obra, incluindo as suas partes, é protegida por direitos de autor. Qualquer utilização é proibida sem o consentimento da editora e do autor. Isto aplica-se em particular à reprodução, tradução, distribuição e colocação à disposição do público por via electrónica ou outra.

Para os meus filhos e enteados,

para os meus genros,

para as suas mães

(Bettina, Carola, Helga, Renate, Ursel)

e para Constanze

Na fonte

Lifestream, fluxo!

Caminhe ao longo das margens de um grande rio e veja um grupo de remadores a ondular a água com a sua batida rítmica: Quem pode continuar sem os admirar pela facilidade com que utilizam o rio para seguir em frente?

Mas um rio tão grande não é imediatamente um rio, mas é criado a partir de uma fonte minúscula e só cresce através dos seus afluentes e tributários.

Tal como um rio, o presente livro também é constituído por tais afluentes - a sua água continua a fluir, não se preocupa com obstáculos, por vezes cai em declive, encontra sempre o seu caminho. O rio recebe afluentes limpos (encantador) e lama (espantoso), por vezes é alimentado por nascentes puras, claras e frescas (feliz), por vezes corre através de áreas lamacentas (embaraçoso), por vezes através de planícies de inundação arborizadas e escuras (triste), por vezes através de uma vasta paisagem de pedra sobre a qual as brumas ainda descansam quando o sol nasce (melancólico). Por vezes o rio empurra para o subsolo através de cavernas (assustador) ou através de um lago em que foi represado por mãos humanas (encontros fatídicos).

Com a imagem familiar dos tributários utilizo histórias independentes que aconteceram de uma forma ou de outra na minha vida e na sua justaposição criam um fluxo de vida. Tal como os tributários já cobriram a sua própria distância, as personagens das histórias têm as suas próprias vidas nas respectivas fases da vida - e os seus próprios nomes, tal como os tributários trazem consigo os seus próprios nomes.

No final, um grande rio corre para um grande mar. Mas a sua água evapora novamente ao sol e forma nuvens. O vento leva-os, são apanhados em altas montanhas e voltam a chover - para alimentar novamente uma fonte.

Embora o rio da vida flua através do tempo presente, é também uma pequena parte da eternidade. Portanto: Fluxo, o meu rio!

Irmgard Rosina Bauer

Primeira afluência

"Sophie" e "Gunnar"

Muitas estradas levam através de Roma

Sophie tinha então vinte anos. Era Abril e fazia frio e à noite choveu terrivelmente na sua tenda.

Mas os dias...

Vê-se com Wolfgang na mão na Via Sacra, saltando por cima de duas pedras de calçada de cada vez. Quem não bateu no terceiro teve de se beijar - raramente bateu no terceiro. Ela vê como Wolfgang, o estudante de arqueologia, construiu para ela um templo aéreo com as ruínas sagradas no Forum Romanum, incluindo um pórtico, um pátio interior e um santuário; como ele lhe atirou declarações de amor flamejantes perante o povo romano imaginário do lugar onde a Rostra deve ter ficado, a grande plataforma de oradores constituída pelos bicos dos navios inimigos capturados. Onde já Cato e Cícero e Plínio e todos os romanos importantes das aulas de latim proferiram os seus discursos.

 Sophie vê como ela e Wolfgang se curvam a rir à loba com os seus gémeos no Museu do Capitólio; "sete cinco três", disseram eles como se de uma boca se tratasse. Ela vê-o a fazer de animal selvagem para ela no Coliseu e como ela sempre julgou as suas actuações com um alegre "polegar para cima" e vê como ele a levou triunfantemente através do Arco de Constantino.

 "Sabem que quero ir à feira da alimentação em Roma este fim-de-semana", diz-lhe agora o seu marido Gunnar, doze anos mais tarde, "Entretanto, dei uma olhadela mais atenta ao programa. Estou satisfeito com apenas um dia na feira, sábado. Mas se eu já estou a ir, vocês podem mesmo ir"!

Sophie fica assustada.

"Hoje é segunda-feira. Se começarmos amanhã ao meio-dia em Munique, estaremos lá à noite", continua ele. "Depois teríamos três dias juntos na cidade. Depois no sábado iremos à feira, e no domingo voltaremos de novo".

Secretamente, Sophie tinha medo desta questão. As belas memórias que tinha de Roma estavam ligadas a uma vida diferente daquela que levava agora.

Muitas desculpas lhe vêm à mente: Afinal, os seus quatro filhos pequenos precisam dela, e as famílias amigas não estão certamente tão espontaneamente preparadas para a acolherem por enquanto. Isso mais uma vez requer muita persuasão! E de onde vem tão rapidamente, durante quase uma semana inteira, de um dia para o outro, um ajudante treinado para o trion gourmet comum; mais a longa viagem de carro.

"Isso seria tanto esforço", ela tenta defender-se da sua proposta.

"Você delira sempre sobre Roma", interrompe as suas desculpas. "Esta seria a oportunidade de me mostrar!"

Ela olha duvidosamente para Gunnar. Ela consegue lidar com o facto de ele ser espontâneo. São ambos espontâneos. Rápida a tomar decisões, rápida a mudar. As pessoas à sua volta estão habituadas a isso. Não é isso que a preocupa. Antes isto: Gunnar é diferente de Wolfgang. Até agora, Gunnar tem descartado bastante o seu entusiasmo pela antiguidade com "coisas antigas". Acha que ela seria capaz de fazer o arco em Roma? O seu entusiasmo na altura baseava-se nas circunstâncias da época. Bem, a sua relação com Wolfgang já tinha chegado ao fim durante os seus estudos. Mas Sophie ainda brilhava para as "coisas velhas". Não, a coisa com Gunnar juntos, que não podia correr bem. Por outro lado: Roma! A vossa Roma! Como era belo! Como ela amava Roma! Não deveria ela simplesmente agarrá-lo nesta ocasião? Afinal de contas, ela não ia lá todos os dias.

Sophie sabe que tem de decidir rapidamente. As imagens inundam-na: O Castelo Sant'Angelo lá em cima, o Panteão, o Fórum Romanum, os orgulhosos obeliscos, as basílicas, os arcos triunfantes, os muitos, muitos gatos da pirâmide de Cestius e a velha mulher que os chamou e alimentou a todos pelo nome, Giovanni - Alessandro - Francesca; o belo e antigo cemitério atrás da pirâmide - sim! Sophie sente o entusiasmo a subir dentro dela.

Sim, ela atiraria todas as dúvidas borda fora e aproveitaria esta oportunidade. Levar Gunnar com ela para o grande passado. Tente novamente com ele. Se ao menos a sugestão viesse dele! Ela mostrar-lhe-ia tudo!

Duas crianças podem ir para a avó, ela vai levá-las ao jardim de infância. Sophie pode esclarecer que, após uma longa chamada telefónica. E os dois mais velhos podem ficar com amigos que os enviarão com os seus próprios filhos para a escola primária próxima. Por isso, agora contratar rapidamente uma temporária para os próximos dias. Embalagem urgente de malas; deixar mais três instruções importantes na loja.

Na terça-feira, às duas e meia, podem finalmente começar.

Tábuas de Gunnar sobre a auto-estrada.

Por volta da meia-noite já conduzem "Al lungo del Tevere".

"Al lungo del Tevere", dizes tu? Isso é um rio?"

Sophie ri-se educadamente. Ele deve estar a brincar.

Mas ele não sabe realmente nada sobre Roma, ela percebe, mas tem total confiança nela.

Enquanto conduzia, pensou rapidamente num grande programa para quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira. "Basta fazê-lo", disse ele. "Eu não sei nada sobre isso de qualquer maneira".

Uma grande antecipação impregna-a. Ela irá mostrar-lhe tudo.

Logo de manhã, de S. Pedro, ele ficaria imediatamente impressionado. Além disso, a vista do alto terraço dar-lhe-ia uma ideia da cidade. Sim, ela gostou disso!

Na manhã seguinte, porém, a sua ânsia de ver a cidade é demasiado pequena para ela: o despertador toca, mas ele não se levanta.

"Afinal de contas, estou de férias!"

"Sim, mas nós queríamos ver a cidade".

"Não vai a lado nenhum"!

Adormeceu de novo.

Sophie está desiludida.

Mas se ela o acordasse e o empurrasse, ela sabe que teria de aguentar o seu mau humor durante o resto do dia.

Ao meio-dia termina o pequeno-almoço, às duas, finalmente voltam para o carro para conduzir até ao Centro. Finalmente! Sophie está feliz. O sol está a brilhar claramente.

"Aqui ainda é Verão", entusiasma-se. "E nós os dois em Roma, no dia 1 de Outubro, a 26 graus. Munique não consegue acompanhar isso".

Sim.

Roma Aeterna.

Ela vai mostrar-lhe tudo.

Ele não consegue encontrar-lhe um lugar de estacionamento suficientemente rápido. E agora vai!

De mãos dadas aproximam-se ao longo da Via della Reconciliazione - "Ah, eu sei isso pela televisão"! - a catedral.

Ela não se lembrava de a Praça de São Pedro ser tão grande! Ela está a mudar Gunnar de sítio.

Mas, ao chegarem ao portal principal, ela hesita subitamente, estremece. Como a memória da "Pietà" se apodera vividamente dela! Sim, é isso mesmo, ela deve estar ali.

Porque é que a Sophie estava tão febril antes de chegar à Pietà? Quando a viu pela primeira vez, ela e Wolfgang tinham ficado apaixonadas. Durante muito tempo, ambos estiveram à sua frente e foram absorvidos na sua contemplação, tinham deixado a Mãe e o seu Filho trabalhar neles. Que coisa tão comovente! Sophie quer agora explicar a Gunnar o que está a acontecer nela. Que ela está entusiasmada antes de se encontrar novamente com esta estátua. Não foi assim tão ridículo! Ela teme a sua reacção.

"O que você tem... Ela não é assim tão boa! Certamente há coisas mais interessantes para ver aqui", poderia ele dizer.

Ela sabia que, como homem de negócios, ele pensava muitas vezes de forma muito diferente dela. Ele discutia frequentemente com ela porque ela, Sophie, era apenas metade de uma mulher de negócios como ele tinha imaginado.

Por isso, aqui estava ela. A esconder a sua emoção de Gunnar em frente a uma estátua de mármore branco?

 "Anda, vamos lá para dentro. Por que estás a parar"? Ele olha para ela com impaciência.

Ela não consegue explicar os seus sentimentos confusos tão facilmente. Há pouco ela estava a exortá-lo a apressar-se, e agora nada aconteceu!

Quão graciosa Maria ainda está ali sentada na sua ternura, delicadeza, harmonia interior. Esta doçura, a expressão da dor terna e do amor nesta figura de pedra! Como se estivesse sentado e a viver ali, o bloco branco de mármore! O Jesus nos seus braços, ele provavelmente está apenas a dormir. Deve sentir-se muito confortável sob o olhar deste rosto perfeito: belo, amável, maternal e apaixonado ao mesmo tempo.

"Sim, já é óptimo!", a contemplação da Pietà também elicita Gunnar. Sophie respira profundamente e aliviada.

Gunnar acha as dimensões de São Pedro "assustadoras".

"É demasiado grande para mim! É demasiado grande para mim"!

Uma e outra vez Gunnar abana a cabeça enquanto caminha, não encontrando a ligação ao seu propósito.

Sophie não consegue explicar e mostrar-lhe o suficiente, porque estão a ser erguidas barreiras na catedral, elas estão a ser empurradas para fora, "una messa del Papa", de todos os tempos. O momento da sua visita é inconveniente.

"Então despachemo-nos para a Capela Sistina, os frescos lá também são de Miguel Ângelo, como a Pietà. Era um artista muito versátil. Ele poderia simplesmente fazer tudo, esculpir, pintar, desenhar, construir - engenhoso! O meu guia da cidade diz que a capela foi entretanto restaurada. Na minha primeira visita, tudo estava ainda bastante desbotado. Estou curioso se os frescos parecem realmente roxos e cor de bombom agora".

Cheia de antecipação, Sophie agarra a mão de Gunnar e puxa-o.

Mas quando lá chegam, já passa das 16 horas, não deixam ninguém entrar.

"Que pena!"

"Não importa", diz ele, "eu não teria estado tão interessado de qualquer forma". Mostra-me outra coisa".

Sophie pensa por um momento e decide dar os passos espanhóis, que não estão muito longe. Aqui, eles não têm de se preocupar com os tempos de admissão. E ela sabe que ele vai gostar disso. Olhando para todas essas pessoas. Passear na Via Condotti de uma loja de moda de luxo para a outra, lambendo um gelado no meio.

E está de facto fascinado pelos mestres da moda.

"Tanta estética", diz ele.

Depois já viram o suficiente, pensa ele.

Para seu horror, ele não consegue arranjar um Orvieto para beber num pequeno café de rua: "Onde mais, se não na zona de cultivo? Assim, ele bebe obedientemente Frascati com ela numa mesa de lata branca no meio da zona pedestre, um paraíso para cavaleiros de todas as classes, a Bella Signora com uma saia apertada com uma fenda de cavaleiro e um saco de ombro ondulante, sobre o Papagalli de Trastevere, o homem de negócios bem vestido de cinzento escuro, que passa por eles na sua Vespa com um novo tipo de telefone gigante na orelha, ao romano idoso com um charuto no canto da boca, "Il Giorno" debaixo do braço, todos eles: chocalhar, malcheiroso.

Como ela gosta, a sua Roma, o espanto, esta Roma viva, longe de casa, de toda a domesticidade cultivada com a sua seriedade animal. Que maravilhosa habilidade do despreocupado, "dolce far niente"; quanto custa o mundo?

Dois adolescentes em ciclomotores rápidos passam habilmente pela sua pequena mesa de metal branco. Gunnar abana a cabeça horrorizado. "E chamam a isto uma zona pedestre em Roma? Acho isto aqui muito feio. Amanhã vamos para a praia e apanhamos sol. O Inverno em Munique virá em breve".

Bem, isso não está no programa da Sophie. "Mas o que é que eu quero colocar sobre ele a cultura romana se ele estiver interessado no sol romano", lamenta ela. E em circunstância alguma correria o risco de o pôr de mau humor. Assim, ela cumpre o seu desejo de ir à praia de Óstia no seu segundo dia. O facto de se levantar de novo tarde pela manhã não a incomoda desta vez.

Muitas pessoas em Óstia estão ocupadas a mandar mangueiras para as cadeiras de convés do Verão, uma sensação de partida para o Outono está no ar. A areia cinzenta-preta na praia, fina e seca, é colocada limpa nas ondas pelas máquinas de limpeza. O sol é apenas nostalgia, arrefece a sua luz permanece no mar, já não pode iluminar a cor baça da areia.

"Vamos voltar à cidade", sugere Gunnar em breve.

 "Sim, eu adoraria!"

Finalmente estamos de volta a Roma, aos seus milhares de memórias de milhares de anos de glória.

Gunnar encontrou um parque de estacionamento central.

Sophie está feliz. Com ele na mão, ela ainda pode ver muito. Talvez ela possa mergulhar no Forum Romanum, no Coliseu, no Capitólio ...

"Oh, não", diz ele, "não tanto material antigo".

Muito bem, então talvez a Fonte de Trevi ou o Panteão?

Sophie gosta de caminhar sobre as bonitas pontes antigas, deixando o seu olhar vaguear sobre os edifícios ricamente decorados por onde passeiam. O que será que as pessoas que aqui andaram ao longo dos séculos disseram, pensaram, como viveram as suas vidas? Tantas religiões, filosofias e governantes diferentes tinham determinado aqui a paisagem da cidade! E agora estavam ambas aqui, ela e Gunnar.

Mas depois arrancou-os dos seus sonhos.

"E isto é Roma?", pergunta-lhe ele na segunda noite. Piazza Venezia, Via del Corso, ecoando o ruído de rua. Esta rua de lojas entre fileiras de casas em banda está quase sem luz, mas ele abana violentamente a cabeça aos muitos pedaços de papel à beira da estrada, aos bilhetes rasgados, beatas de cigarro, sacos vazios amassados...

"Onde fica Roma? Onde estão as pessoas? Os romanos estão a dormir? Em que cafés estão eles, em que restaurantes, onde está a sua Place du Tertre ou o seu Schwabing? Sachsenhausen, lembra-se, foi sempre bonito lá. Aquelas coisas antigas em todo o lado. Já esteve aqui antes. Mostre-me Roma! No seu guia inteligente, não há nada de inteligente nele?"

Sophie sente como uma pedra, dura, pedregosa, pesada, angular, primeiro ameaça ficar presa na sua garganta e depois, lentamente desmoronando-se, espalha-se como sêmola sobre os seus membros, até à ponta dos dedos. Lá em cima, onde ela suspeita que a sua cabeça está, ela pensa - não, ela não pensa - mas ela pensa - oh, deixa as coisas velhas em paz, ela pensa - Wolfgang, ela pensa, na Arábia Saudita, ela pensa - mas ela queria - o que é um diploma de arqueologia se não estiver terminado porque engravidou - é assim que era, é assim que ele é, ela pensa -

As suas pernas levam-na ao seu lado, ela segue-o pelas ruas estreitas, as multidões de pessoas levam-no, ha, diz ele, finalmente um lugar onde algo se está a passar!

Piazza Navona. Sem se impressionar, passa apressadamente pela Fonte dos Quatro Rios de Bernini, mergulha decididamente na multidão de pessoas que se reúnem à volta dos artistas na praça, eles chamam a atenção para si próprios com candeeiros de querosene. "Poderíamos ter um retrato teu", diz ele, "mas atormentado como pareces - o que se passa contigo? Vamos sair para jantar. Vi alguns bons restaurantes no caminho".

"O que gostaria?", pergunta-lhe então no ristorante fino com a exibição de entretenimento na janela cheia de lagostas, poção, mexilhões, antipasti, frutas, um grande bouquet de gladíolos de caules longos, no ristorante com as mesas de calda branca.

Sophie não tem apetite. Encomenda, sem cerimónia, algum tipo de variação de massa, enquanto Gunnar trata extensivamente da entrada, prato principal e sobremesa no menu. Ele deixa o seu olhar vaguear apreciador pelo interior do restaurante.

"Tudo muito nobremente mobilado", diz ele, "olha para o belo balcão moderno". Bonito aqui"!

Sophie olha para ele de forma apática.

"O que quer", pergunta ele enquanto olha para a cor do aperitivo no copo, afunda o nariz no copo, empurra a amostra para trás e para a frente na boca enquanto a verifica, e depois acena com a cabeça contente ao empregado de mesa, que está agora a servir os copos.

Sophie ainda está a pensar. Como poderia ela melhor explicar-lhe que o que achava tão fascinante sobre Roma era a sua história? Com uma pá na mão e cavando na terra velha sob holofotes, é isso que ela quereria! Encontrar pequenas ruínas velhas e juntá-las para fazer grandes ruínas velhas. Que isto significava mais prazer para ela do que uma visita a um restaurante nobre.

Finalmente ela inspira, quer começar a formular

Nesse momento o empregado serve a "Pasta Fantástica" de Sophie e o "Spaghetti Pomodore" de Gunnar.

"A cozinha não pode correr mal", explica ele a sua escolha. "Não se podem comer estas variações modernas de massas que servem em todo o lado".

Sophie sorri educadamente.

Ele tenta o primeiro garfo. Quando o prova, abre a boca uma e outra vez. Ele tinha-lhe explicado uma vez que isto estimularia ainda mais o sentido do paladar. Envolve mais garfos com esparguete vermelho. A sua expressão demonstra grande apreço.

"Eles sabem cozinhar, os romanos, eu dou-lhes isso".

Cheio de entusiasmo, ele quase esvaziou o seu prato, enquanto Sophie enfiava lentamente o garfo no seu prato.

"Bem, comer não é a única coisa, pois não?", diz ela.

Acena ao empregado de mesa e discute com ele a escolha do vinho branco para o curso de peixe.

Em breve o seu peixe de São Pedro é trazido numa elegante bandeja de prata.

 "Bonito", delira ele. É grelhado como desejado e servido com miudezas.

"Fresco de orvalho"!

Gunnar começa a comer imediatamente.

"Como sabe tanto sobre esta Roma", pergunta então entre duas dentadas do seu bife de alcatra, que na realidade foi assado em inglês, o que o encanta muito.

"Experimente o vinho. Luz na frente, mas um acabamento fantástico"!

"Isto aqui é cultura"! Ele agita o vinho tinto na elegante taça.

"Vinho interessante!"

Com prazer lambe o sumo de carne dos seus lábios antes de os limpar com um guardanapo e colocá-lo no prato livre de resíduos.

"Deseja também sobremesa? Quase não comeste nada".

Sophie ainda não tem apetite. Finalmente, eles servem o caffè. Sacudindo a cabeça, Gunnar olha para ela.

"Então, o que queres fazer amanhã?"

Sophie respira fundo. Ela conta-os sem um som:

"As Termas de Caracalla, pensei, e gostaria de ir ao Fórum Romano".

"Bem, se insiste, amanhã iremos aos banhos, como é que eles se chamam de novo?" Acena ao empregado de mesa e tem a diferença entre três aguardentes de bagaço maduro no menu de bebidas explicado em alemão acidentado.

"Que tipo de pessoas são elas que pagam esta horrenda taxa de entrada por algo assim", pergunta ele ao meio-dia seguinte, abanando a cabeça à entrada do Spa de Caracalla.

"Isso é apenas um amontoado de escombros. Não admira que nada esteja a acontecer aqui".

Dois estudantes estão a medir a altura das cisternas, as antigas bacias hidrográficas e as restantes partes de estátuas partidas.

Sophie pergunta-se: "Eles estão a estudar arqueologia?

Com expressões faciais e gestos interessados, conversam, apontando de arcos redondos a colunas para restos de paredes no chão e escrevem notas das explicações em pequenos quadros num caderno.

Caso contrário, Gunnar e Sophie estão sozinhos neste amplo lugar.

Atrás de um grande portão ela vê o grande Mercedes que era tão importante para Gunnar. Ela vê na sua mente o Gourmetrion, a delicatessen onde sempre trabalhou, estava tão praticamente perto do lar das crianças. Ela vê a casa grande à sua frente, a casa grande onde eles vivem com os seus filhos.

A erva selvagem tem crescido em excesso muitos fragmentos de mosaico belíssimos deste outrora magnífico banho térmico.

"O que é isso? Porque parece tão distraído", pergunta ele.

"É tarde", diz ela.

Segunda afluência

"Eu" (Sra. Steinmann) e "meu marido"

Encantador

A vida quotidiana dos negócios, na verdade amarga, porque a minha vendedora Edith está de férias, tenho de fazer o seu trabalho tão bem como o meu, mas ainda assim: este sol de Fevereiro! Não só pareço estar feliz pelos meus clientes, como estou realmente feliz. A Sra. Stötzel, a minha trabalhadora da manhã, ainda está aqui finalmente!

 Entregas de queijo, caixas de produtos frescos em todo o lado, tudo já deve estar no armazém frigorífico, telefone, e até mesmo estes clientes! Depois de terminar o cesto de ofertas encomendado para um quinquagésimo, um representante de queijaria está de pé no canto à espera da sua encomenda semanal.

Telefone novamente!

"Sim, a Sra. Steinmann está aqui, um momento, por favor".

Eles simplesmente não o conseguem fazer! Fingir que eu não estou aqui! Claro que é mais confortável para si, se eu repreender silenciosamente os meus empregados. A Sra. Stötzel entrega-me o receptor.

"O cavalheiro que acabou de apanhar a caixa de oferta de vinho".

Estou sobressaltado. Herr Dahlmaier? Passava-se alguma coisa de errado? Será que me esqueci de alguma coisa? Será que cometi um erro? Será que a caixa se desfez? Ele é um cliente muito simpático e amigável - aborreci-o com alguma coisa?

"Olá, Steinmann aqui", respondo eu, com ponto de interrogação na minha voz.

"Sra. Steinmann, só queria ouvi-la novamente. Tiveram um carisma tão maravilhoso para mim, tenho de vos dizer agora. Tem algum tempo agora"?

A sua voz soa muito amigável, quase terna, cortejando. Sinto-me quente. O que é que se passa? Como posso dizer isto? Estou atolada. É um dia de trabalho brilhante, Edith de férias, eu de todo o trabalho em alta tensão. A porta do nosso pequeno escritório, que também aloja a pia, não pode ser fechada porque, como sempre, a louça suja está no chão entre a porta e a pia, acima da qual está pendurado o telefone de parede. O radiotelefone encomendado ainda não está instalado.

A Sra. Stötzel está a apenas dois metros de mim. Bonito, tal apelo, mas também muito privado. Eu bloqueio:

"Sim, tenho sempre muito trabalho", digo na voz mais amigável, mais aberta e ao mesmo tempo mais comedida que consigo colocar. Eu flutuo. Se ao menos a Frau Stötzel saísse finalmente de lá!

"Pareces tão equilibrado, tão natural, tão criativo, admiro-te. Eu admiro-o.

Haverá uma pausa. O meu cérebro está vazio. Um único crepitar.

"Eu tirava-te daquele lugar", continua ele, rindo ligeiramente, como se tivesse feito uma piada, cuja verdade deve ser velada.

"Jantará comigo hoje à noite?"

Sem esperar por uma resposta, pergunta ele:

"Mas provavelmente é casado?"

Quero derreter-me, saborear a situação, desfrutar novamente, yay - Sou uma mulher! Isso sabe tão bem.

É casado?

Sim, sou casado com este lugar.

A Sra. Stötzel está a cortar cebolas, a dois metros de mim, que desculpa devo usar para a mandar embora?

Gostaria agora de ter uma voz encantadora.

"Sim, muito", digo então da forma mais neutra possível, a Sra. Stötzel não é da sua conta, no entanto tento colocar um ligeiro sorriso na minha voz. Não estou a pensar no meu marido agora, ou sim, estou, e as crianças, omnipresentes, embora tivesse adorado namoriscar novamente.

"Sim, certo". A sua voz tornou-se sem alegria, cuidadosa. O seu entusiasmo está a zero. Acabou. Agora ele provavelmente não vai perguntar: "Quanto?

Ele vai perguntar: "Tem filhos?"

"Sim, muitos", tento evitar.

"Quantos?"

Mas este homem quer saber tudo muito mal.

"Quatro".

Pausa. Intervalo. A pausa não termina.

Imagino que isto vai ser embaraçoso para ele.

"Então, apesar de ter quatro filhos, manteve uma boa aparência. Parabéns!"

Parabéns. Ele parece tão frio.

 "Vês, todo este stress só me afecta", eu tento virá-lo lentamente. O homem pôs-me em euforia, encantou-me, estou-lhe realmente grato, não o quero desiludir agora.

"Mas mesmo uma mulher com quatro filhos está feliz com tal reconhecimento. Nunca se ouvem elogios suficientes, penso eu".

"Sim, tem razão".

Ele parece aliviado.

"Fiquei realmente feliz por receber a vossa chamada.

"Muito bem, bem, diz ele.

"Vemo-nos na próxima caixa de oferta ou algo assim", "Então, vemo-nos na próxima caixa de oferta ou algo assim".

"Sim, certo". Está de novo a rir-se. "Adeus, Sra. Steinmann!"

"Adeus, Sr. Dahlmaier".

Com uma grande cara sorridente, volto para a loja. Alguns minutos depois, o vendedor de queijos pode sair da loja com uma grande encomenda, também com uma cara sorridente.

Terceira afluência

"Susanne" e "Gernhardt"

Blue Hawaii

Susanne verificou novamente a hora de partida nos bilhetes do Município de Riem: 16 de Janeiro de 1990, 9:50 da manhã.

Sim, tudo estava agora devidamente preparado para o seu voo.

Gernhardt já tinha estado em São Francisco durante oito dias. Ele tinha reservado o voo da Susanne para que ela o pudesse visitar lá agora.

"Entretanto, passei pelos mais importantes enólogos californianos de Napa Valley e encomendei os vinhos", explicou-lhe ele.

Há dois anos atrás, tinha criado um negócio de importação de vinho por grosso em Ismaning, um subúrbio de Munique, onde viviam com os seus filhos. Para poder gerir o negócio do vinho por grosso, entregou sem cerimónia o seu Gourmetrion, uma pequena loja especializada, a Susanne para uma visita guiada, pelo menos para a parte organizativa. Esta loja formou a base financeira para a sua jovem família e para o esperado sucesso futuro.

"Já tem experiência suficiente com os bens e o pequeno pessoal", ele tinha dissipado as suas preocupações na altura. "Continuarei a ocupar-me da vertente comercial das coisas. Não és muito bom nisso".

Susanne sorriu para esta frase, isso não a perturbou. Ela conhecia muito bem esta frase da sua mãe, por isso deve haver algo nela.

Por um lado, Susanne sentiu-se sobrecarregada com a gestão da loja, porque durante os últimos doze anos ela só tinha pisado "por um momento", ao lado das crianças, quando uma vendedora estava ausente. Ela também não gostava muito de trabalhar na loja. Ela só queria demonstrar solidariedade com o seu apoio. Ela também sempre ajudou na loja dos seus pais. Porque só juntos é que éramos fortes!

 Por outro lado, estava orgulhosa deste novo desafio, porque sabia do reconhecimento que lhe seria dado. Muitas vezes, ela tinha podido desfrutar da admiração que Gernhardt recebeu dos clientes, fornecedores, amigos e parentes como sua esposa.

"Depois das minhas visitas aos viticultores na Califórnia, vamos ambos de férias de 14 dias no Havai", disse-lhe ele no início de Janeiro. "As agências de viagens nos EUA oferecem voos domésticos baratos, vi durante a minha visita no ano passado. Posso reservar isso a partir dos EUA".

Susanne conhecia demasiado bem tais decisões espontâneas. Tinha sido assim na sua casa de infância. Havia apenas "rápido" ou "demasiado lento". Estava habituada a não ter tempo para andar para trás e para a frente. Estava apenas a ser determinado. Tivemos de nos envolver nas ideias rapidamente e sem pesar muito - se pensássemos muito tempo, muitas vezes uma oportunidade era irremediavelmente perdida, ela tinha aprendido, e depois houve problemas.

\* \* \*

Susanne não quis dizer a Gernhardt que não estava ansiosa pelas férias. Ele não podia ter compreendido, pensou ela. Quando ele tinha preparado tudo para ela!

Mas ela sentiu-se como uma traidora quando perguntou novamente a famílias amigas com crianças da mesma idade se elas levariam os seus filhos. "Sim, claro que Dominik e Markus podem ficar connosco novamente, eles irão à escola com os nossos dois rapazes. Mas durante a vossa última viagem os vossos dois sofreram bastante, foi a minha impressão", disse-lhe Karin. Em palavras semelhantes, a amiga Monika, que levou a Lisa para sua casa. A mãe de Susanne gostava de levar o pequeno Raphael, mas ela também: "Muitas vezes acusou-me de não estar presente para si. Não o pudemos evitar, depois da guerra tivemos de reconstruir as nossas vidas. Mas não estás a fazer melhor do que eu fiz então! Estás fora tantas vezes"!

Susanne concordou com todos eles. Magoou-a deixar os seus filhos para trás, mas também houve Gernhardt:

"Estás sempre a atrasar-me", disse ele quando ela fez os seus desejos.

"Preciso de ti muito mais vezes", ela ouviu-o muitas vezes, e:

"Devem apoiar-me". "Temos de ganhar a vida. Até você. Não se pode simplesmente ir embora"!

\* \* \*

Agora o voo estava a pesar neles. Nessa altura, tinha 34 anos de idade e, até então, tinha sempre ido de férias ou a consultas de negócios de carro. Ela tinha acabado de voar de Munique para Hamburgo, de Munique para Dusseldorf, e até mesmo para Paris. Nada mais.

E se, por alguma razão, Gernhardt não veio ao aeroporto para a ir buscar? E se houvesse uma mudança no plano de voo? Como poderiam comunicar? Afinal, ela teve de mudar de avião duas vezes, em Amesterdão e em Londres, para que pudesse haver atrasos! Não tinham meios de comunicação. Os telemóveis, e-mails e a Internet estavam longe de ser comuns.

Quando saiu há uma semana atrás, nem sequer lhe pôde dar o endereço onde estava hospedado. Ele queria organizar tudo isto "a partir dali".

No dia da sua partida, o telefone tocou às seis horas, ela podia voltar a falar com ele, pelo menos ouvi-lo. Apesar da má ligação, a sua voz teve um efeito calmante sobre ela, ela finalmente sentiu uma sensação de segurança. O táxi também chegou pontualmente às seis horas. Gernhardt tinha posto duzentos marcos na sua caixa de dinheiro para ela e para as despesas mais básicas da viagem.

\* \* \*

Os pãezinhos no avião eram duros como betão. Com salame e queijo. Afinal de contas, manteiga verdadeira. Ela pensou nas mãos que tinham preparado tudo isto de manhã muito cedo. De facto, ela também se tinha candidatado recentemente a um emprego como fornecedora de catering aéreo, mas a competição era feroz - e por pouco dinheiro ela não queria ter ainda mais trabalho manual do que já tinha na sua loja.

Ao contrário dela, Gernhardt tinha realizado um desejo de vida com o Gourmetrion. Comer e beber, era para ele vida, diversão e profissão. Com grande paixão, empenhou-se muito em obter e preparar alimentos de alta qualidade de bons fornecedores, farejando tudo o que é comestível com o seu próprio olfacto altamente desenvolvido, provando cada vinho muito conscientemente com o seu nariz e paladar. Nunca comeu ou bebeu nada sem uma expressão de busca no rosto, com a qual analisou ingredientes e sabores, e depois utilizou palavras praticadas para descrever as mais finas nuances na composição, aroma ou grau de maturidade.

A hospedeira serviu o café num copo de esferovite. Recordou a Susanne o seu tempo na universidade. Sempre que tomava um gole, imaginava que tinha de morder o copo, e o simples facto de pensar nisso fazia com que os seus dentes assobiassem.

Susanne admirava a delicadeza diligente das hospedeiras. Ao mesmo tempo, ela digitalizou os seus rostos em busca de impurezas. Porque é que o dermatologista chamou a borbulha da Susanne para a sua doença da hospedeira de bordo? Que stress psicológico tinha ela, Susanne, em comum com as hospedeiras?

\* \* \*

América. Ela não sentiu qualquer antecipação, nem sequer excitação. Ela só queria sair daquele voo interminável. Paragem imprevista em Nova Iorque, aeroporto mamute, check-out, check-in. Continuação do voo cancelado, três horas de paragem não planeada. Mais seis horas de voo.

E se por alguma razão Gernhardt não estivesse consciente das mudanças? O que estava ela a fazer sozinha em São Francisco se Gernhardt não estivesse lá à sua espera? Para onde iria ela? Onde é que ela iria viver? Foi isso que a assustou tanto. Toda a viagem não foi para ela senão um recado que simplesmente teve de ser feito. Ela teria preferido muito mais passar o tempo com os seus filhos, que tinham sido deixados para trás durante a época stressante do Natal. Mas em vez disso ela teve de ir para tão longe! Ela não lhe apeteceu aventura. Ela não conhecia nada da cidade, não conhecia ninguém lá. Susanne não tinha ideia do que faria se eles não estivessem presentes. Só temia ter sentido, como quando era criança, quando não tinha encontrado logo os seus pais na rua.

Mas tudo correria bem, não é verdade? Gernhardt quis tratar de tudo o que dizia respeito à viagem, para que ela pudesse organizar tudo em casa e no Gourmetrion à sua pressa. Só agora percebeu que, com as poucas marcas na carteira, não poderia sequer ter tomado um hotel.

Lidar com dinheiro era irritante para ela.

"Deve gerir melhor o seu dinheiro", dizia sempre a sua mãe. Para ela e para o seu pensamento comercial foi fácil. Gernhardt colocou-o numa veia semelhante. "Tudo o que tem de fazer é analisar os extractos bancários e saberá o que fazer". Talvez ela devesse ter desenvolvido a sua própria forma de lidar com o dinheiro? Ela já o teria feito há muito tempo se fosse fácil para ela. Ela já tinha o suficiente na sua mente. Ela simplesmente não conseguia lidar com tudo.

Bastava que Gernhardt se encarregasse do dinheiro. Quando tomou conta das crianças, levou-as à escola, ao infantário, e depois foi a esta loja, providenciou-lhes o almoço ao meio-dia e o jantar à noite, verificou os trabalhos de casa dos três mais velhos, colocou as crianças na cama com canções, histórias de embalar e muita paciência - apenas para adormecerem em frente à televisão.

"Como és aborrecido", dizia-lhe ele quando queria ver o último filme na televisão com ela.

\* \* \*

São Francisco. Através da divisória de vidro ela viu-o de pé. Ela podia ter saltado para alívio! Ali estava ele.

Mas quando reparou nela, levantou os braços e bateu palmas fervorosamente na frente do rosto. "Aí estás tu finalmente", disse-lhe ele. Ele abanou a cabeça violentamente. "Estou aqui à espera há séculos", telefonou ele e rolou os olhos.

"Um voo de ligação foi cancelado, não lhe foi dito?" ela empurrou-se para fora e atirou-se ao seu peito.

"Não pude fazer mais nada senão esperar aqui durante horas! Como se eu não tivesse nada melhor para fazer"! Ele tremia de irritação. Depois deu-lhe um beijo. "Como se tivéssemos tempo infinito! Trabalhei muito para conseguir fazer tudo isto"!

Ela olhou para ele com incerteza, queria dizer algo, mas ele pegou na mala dela e saiu a correr do edifício do aeroporto.

\* \* \*

O seu negócio de vinhos estava terminado. Tudo tinha ido a seu contento, disse ele. Tinha negociado boas condições, já que a taxa de câmbio do dólar era muito favorável. Poderiam esperar um bom curso de negócios, porque com vinhos californianos poderia também abordar cadeias alimentares ou lojas de departamento maiores e organizar as entregas de quantidades significativas. Ele disse-lhe orgulhosamente que tinha encomendado um contentor marítimo inteiro para Roterdão. Entre outros, tinha encomendado um contentor inteiro para Roterdão a um enólogo de renome envolvido no Hotel Intercontinental em São Francisco. Duas pernoitas gratuitas para o fim da sua viagem, disse ele! Luxo cinco estrelas em ouro, mármore e madeira maciça esperam-na lá! Uma transição agradável entre o Havai e Munique, disse ele. Susanne estava feliz por ele porque estava tão orgulhosa dos seus sucessos. Mas secretamente ela já calculou a diferença horária de nove horas e o tempo em que podia chegar aos seus filhos ao telefone, na casa da Karin, na casa da Monika, na casa da avó.

\* \* \*

Maui. Susanne estava bem acordada desde as seis horas, embora estivesse tão cansada da longa viagem! Mas ela não pensou mais nisso, era assim que as coisas eram. Afinal de contas, a vida não era um passeio no parque.

Centenas de aves kolea nas exuberantes árvores banyan gritavam as suas saudações de bom dia umas às outras. Vários jardineiros devem ter estado ocupados lá em baixo a regar os terrenos para tornar este paraíso ainda mais paradisíaco.

Ela ouviu as ondas a bater. Lentamente tornou-se leve. Estava quente. Da sua cama ela conseguia ver o oceano através das palmeiras. Selvagens e furiosas as ondas aplaudiram contra a praia, embora esta se chamasse o Oceano Pacífico!

Gernhardt ficou descoberta entre ela e a janela. Ela deixou os seus olhos vaguear sobre o seu cabelo loiro e as suas costas largas e compridas. A barriga, a barriga profissional, como ele lhe chamou, que tinha crescido ainda mais durante os últimos almoços de negócios, estava do lado da janela. Ela escorregou para a sua cama, engatou-se, desfrutando da agradável sensação de o sentir.

Ela estaria agora muito interessada em ir correr para a praia! Com ele! Se ao menos ele viesse com ela! Que bom que isso seria! Jogando ao longo da praia como um casal. Sim, agora, às sete da manhã! Mas ela não precisava de lhe perguntar isso. Ele só abanava a cabeça sem compreender e sem incentivo.

Whoosh, o spray bateu alto. A famosa praia Ka'anapali do lado de fora da sua janela! Afinal, ela estava curiosa! Às oito horas finalmente ela desceu sozinha. As ondas altas da casa perseguiam-se incansavelmente umas às outras. Hawaii.

Ambos. Só vocês os dois. Finalmente, ela começou a divertir-se. Nenhum recado importante a ser completado neste momento, nenhuma obrigação social. Ele e ela, como casal, no seu ninho de amor no Hawaii, longe de qualquer coisa que tivesse de funcionar.

Ela estava completamente consigo mesma enquanto caminhava descalça, passando por pessoas elegantemente vestidas, através do espaçoso complexo hoteleiro com todos os seus bares e áreas de jantar, onde se podia pedir um cocktail de manhã e onde a cozinha polinésia era servida ao meio-dia e à noite.

Sim, esta cozinha encantou-os a ambos. Os legumes fritos crocantes, quase crus, enriquecidos com tofu e apenas temperados com um pouco de molho de soja; pernas de frango, pato e coelho suculentas grelhadas, doces e azedas escovadas; carne de porco luau; pratos do vizinho Japão: sushi e sashimi com arroz; poi, a papa de casca de Tama, não, mas não tinha de ser, ambos odiavam.

Após dois dias:

Fizeram uma viagem de observação de baleias ou uma excursão de snorkeling? Visita de helicóptero? Ou nada de nada? Deitado na praia, ao vento quente, a nadar ocasionalmente, em mar aberto e quente? Quem a empurrou? Porquê discutir? Cada vez que encontraram rapidamente uma decisão comum. O que estava em jogo? Levaram um Banana Daiquiri ou outro Blue Hawaii a passar pelo bar?

Não havia um horário para quando alguma coisa tinha de ser feita. Sem amigos a quem provar, sem crianças que não parassem até que os seus desejos especiais fossem satisfeitos.

Após quatro dias:

uma viagem num pequeno avião para a praia de Waikiki. Royal Pineapple Drink no bar ao ar livre do Royal Hawaiian Hotel. Poderosos buquês de gladíolos em poderosos vasos. Pina Colada. Honolulu. Havaiano Azul. Mai Tai. Chi Chi Chi. Hotéis. Arranha-céus. Cabeça de diamante. Hofbräu. Hofbräu!

Finalmente, cerveja para Gernhardt. A cerveja de trigo sabe a casa, disse ele. Uma rapariga havaiana de pele castanha, a empregada de mesa, sentou-se no colo de Gernhardt e enrolou-lhe o pescoço para a foto exótica que queria mostrar aos seus amigos em casa. "Hofbräu Waikiki" foi escrita no seu dirndl.

Plantação de bananeiras. O mar selvagem. Surfistas na sua linha de refracção.

Durante duas semanas jogaram o despreocupado jogo havaiano.

Todos os dias, às oito horas da manhã, ela chamava as crianças uma após outra às suas famílias de acolhimento. Eram sete horas da noite em Ismaning e todos estavam ao seu alcance. O pesar da Susanne por não estar com eles puxou-a para baixo repetidamente. Mas as crianças pareciam alegres. E o ambiente cativante que os rodeava imediatamente cativou de novo os seus sentidos.

\* \* \*

De volta ao aeroporto, Susanne provavelmente reagiu um segundo depois dele, perguntou-se ela. Mãos atiradas para o céu, arfando por ar, ele parecia lutar com ela, esta incompreensibilidade da pessoa. Como poderia ela ficar na fila na recolha de bagagem "2" (duas pessoas) quando havia apenas uma pessoa na fila da recolha de bagagem "1" à esquerda! Como poderia ela!

Sacudiu a cabeça violentamente e rolou os olhos como se quisesse sublinhar a sua desaprovação. Ele voltou a levantar as mãos quando ela voltou para ele, assustado.

"Eu não vi Esquerda", disse ela apologeticamente. "Acabei de ir a um balcão aberto e teria esperado pela minha vez".

"Nunca tens pressa", rosnou-lhe ele. "Tenho sempre de tomar conta de tudo!"

Sentiu-se a si própria a bater uma punheta, como tantas vezes faz. Ela puxou a cabeça para dentro novamente, as costas arredondadas.

Ela não tinha visto o interruptor da esquerda. Ela tinha estado muito calma, não sentiu necessidade de se apressar. Ainda tinha tempo, não tinha? ela pensou e encontrou isto confirmado no seu relógio de pulso.

Porque é que ela fazia sempre tudo errado aos seus olhos?

Ela estava deprimida e zangada consigo mesma ao mesmo tempo. Só podia ter sido um jogo! Nem por um momento ela poderia ter acreditado seriamente que a sua paciência estava agora finalmente a saltar para a vida. A sua tocante preocupação pelo seu bem-estar, que era tão bom para ela, pelo qual ansiava, pelo qual estava finalmente com ele, para quem tanto trabalhou. É por isso que afinal ela se tinha casado com ele! O bem-estar que só ele lhe podia dar! Se ele, se ele apenas se demorasse a caminhar ao lado dela. Em vez disso, ele continuou a arrastá-la atrás dele. Ele tinha de ir depressa, depressa. Mas ela não disse nada. Ela não queria nenhuma discórdia, não se queria explicar, ele não o compreenderia de qualquer forma, pensou ela. E tenho a certeza de que ele tinha razão. Talvez ela fosse demasiado lenta.

À noite, ela escreveu no seu diário, ansiosa:

"Não posso ripostar. Uma mão fantasmagórica segura-me. Nado, com grande esforço, contra tudo o que me faz tão difícil. Não quero deixar-me levar - não - tenho certamente as minhas ideias - sim - só que ele não as compreenderia - não - quero deixar-lhe claro - sim. E depois eu falo, explico-lhe, mostro-lhe. Depois vou um pouco mais longe - mas depois lavo-me, o seu redemoinho agarra-me de novo, atira-me de volta. São as suas palavras, é a sua atitude, quando está ali assim, acenando com as mãos, um espírito, tal como a mãe fez quando eu era criança, tal e qual. Não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

\* \* \*

Agora tinham ainda dois dias em São Francisco. Susanne tentou compreender as experiências de Gernhardt.

 "É preciso ver a Golden Gate", disse ele. Mas Susanne não pôde partilhar o seu entusiasmo. Muitas vezes ela já tinha visto uma fotografia. A única coisa que lhe era nova era que a Golden Gate era laranja, laranja feia, pensava ela, como chumbo vermelho, que era usado para pintar ferro. Não, na verdade ela não gostou da ponte. Mas ela não quis contradizer Gernhardt. Não que se tenha zangado outra vez!

Ela seguiu-o e aos seus amigos, que ele tinha conhecido no seu passeio de compras de vinho, nos dois dias seguintes, com muito poucas palavras. Amigável, educado, sempre a sorrir. E assim foi a Guerra dos Pescadores. Bonito, bonito. Ela tinha lido entusiasticamente no seu guia de viagem no voo para aqui que tem absolutamente de comer caranguejos no Pão Sourdough aqui. Ela gostaria de ter tentado isso agora. Mas os outros queriam visitar um verdadeiro restaurante mais tarde.

Num restaurante fino em Chinatown (que Susanne não encontrou tão apertado como todos disseram, porque estava bastante apertado em casa com a família grande e na sua pequena loja apertada, mas ela guardou isso para si) comeram pato chinês. Depois, os amigos repreenderam o animal "pato saltador", porque todos eles tiveram um "estômago saltador" após a refeição e sentiram-se doentes até à noite. Susanne tinha pintado quatro bons restaurantes chineses no seu livro no avião. Mas ela não tinha dito nada. Ela prefere ficar calada. Não que ela tenha dito algo de errado e envergonhado Gernhardt. De qualquer modo, ela não se lembrava de tudo o que os outros já sabiam, mal compreendia a sua gíria californiana.

\* \* \*

Num momento não observado estava a sonhar:

Estou sentado numa mesa, algures no meio da cidade, a falar com os meus vizinhos, pergunto-lhes algo, eles perguntam-me algo, testei os meus conhecimentos de nove anos de aulas de inglês, não me dou tão mal, penso se perfeito ou imperfeito, quero dizer, para tomar a decisão certa, uso o infinitivo depois de "pedir" e "querer", depois o simples ing-form, depois de "ter sucesso" ligar correctamente o som com "in" ...

"Anda Charlie, vamos", ouviu ela.

Ela teria adorado ficar na pequena mercearia chinesa para absorver a mistura de aromas exóticos de sândalo e mirra e mil e uma noites, de modo a agarrar as muitas coisas estranhas. Ela era tão lenta, queria passar muito tempo aqui e ficar espantada, estava perdida no olhar, não conseguia agarrar as inúmeras pequenas coisas bonitas de uma só vez, queria comprar uma ou outra como lembrança. "Vá lá, senhora, vamos continuar!" Ela libertou-se da sua absorção, pagou secretamente por algumas cadeias de flores na caixa registadora e apressou-se de novo atrás das outras.

As lojas turísticas fascinaram-na. Tinham tantas ideias para se venderem, sinais engraçados, exibições apelativas, oh, o que podia aprender aqui, quantas ideias para a sua própria loja podia ver aqui! "Pode-se encontrar isso em todo o lado", diziam os outros e afastavam-nos.

Mas a Susanne já não estava com eles nos seus pensamentos. Deprimida, ficou submersa numa auto-repreensão desesperada. Não me posso envolver! Sou demasiado aborrecido para eles! Eles divertem-se juntos, basta olhar para eles! Excepto eu. O que é que estou a fazer mal?

Estarei eu condenado a vaguear pelo mundo sozinho para ser feliz? Só porque não posso tornar os meus desejos claros aos outros? Será que só vou sinalizar sofrimento a este mundo em dez anos com o sorriso congelado da Mona Lisa?

Afundada, ela trotou atrás dos outros.

Mas ser rebelde significaria também pôr em risco o meu casamento, pensou ela. Então teria de discutir com Gernhardt dia e noite. como os meus pais ainda fazem. Eu odeio! Não, não quero que o odeie. Eu quero um bom casamento. Vou-me calar!

\* \* \*

Mesmo nos meses seguintes, desde há muito tempo em casa, Susanne manteve a boca fechada. Ela só tentou afirmar-se quando a sua coleira rebentou, o seu fio de chapéu rasgou-se, quando só faltava a cereja no bolo, quando ...

Depois as pessoas à sua volta interrogavam-se sobre ela, o silêncio, a calma, sempre com a cabeça nivelada. E Gernhardt conseguiu silenciá-la novamente com algumas expressões fortes, contra as quais ela não conhecia argumentos.

 "Estás a fugir de mim", disse ele quando a Susanne tentou expressar-lhe os seus pensamentos. "Deixa-me em paz com as minhas preocupações" e "Não estás do meu lado"! Mas ela não queria separar-se, nem deixá-lo em paz, nem voltar-se contra ele. Ela simplesmente não o conseguiu fazer compreender que não queria ser apenas o seu apêndice.

\* \* \*

O barulhento cereja no bolo aumentava cada vez mais, o bem-estar da Susanne diminuía cada vez mais. As quatro crianças, o trião gourmet e o seu grossista de vinho exigiram toda a sua força. Havia cada vez menos oportunidades para as conversas tranquilas e atenciosas com Gernhardt, que ela tanto desejava, que ela sentia serem tão necessárias, e além disso, ela compreendia Gernhardt. No seu tempo livre limitado, ele queria convidar amigos e fazer festas, e não apenas conversar. E também tirar umas férias, mas com amigos engraçados!

A estadia no Hawaii também tinha terminado com uma festa divertida com muitos amigos e muitos cocktails. Mais uma vez Susanne tinha trazido diversão e poder, de forma ágil e rápida tinha tomado conta da organização, arrumado a sua casa, apoiado os dotes culinários de Gernhardt na cozinha, arrumado bem a mesa com a série de pratos e providenciado os copos certos para a sua selecção de vinhos, que ele tinha trazido numa caixa robusta porque os recipientes de embarque precisavam de várias semanas para a entrega: os elegantes copos de caule estreito para os vinhos brancos, cálices opulentos giratórios para os tintos. Vários deles para cada pessoa, para que as novas variedades de vinho pudessem ser comparadas umas com as outras.

Decorações engraçadas tinham ocorrido a Susanne, como um bar para os muitos cocktails planeados, ela montou a longa prancha de surf da garagem na sala de estar, com bom humor ela recebeu os seus amigos à porta e pendurou uma corrente de flores da mercearia chinesa à volta do pescoço de cada um deles. Sim, os dois eram uma equipa bem ensaiada na frente dos convidados.

\* \* \*

A partir de Agosto, tiveram de ser feitas compras para o negócio de Natal, a fim de tirar o máximo partido do período de vendas mais forte do ano. A partir do final de Setembro, chegaram diariamente entregas especiais, que tiveram de ser acomodadas na pequena loja com a pequena adega. A fim de poder lidar com as muitas encomendas adicionais previstas de cestos de ofertas, caixas de ofertas de vinho e encomendas de serviços de festas amontoadas para festas de Natal da empresa. Dezembro voltaria a ser um mês de horror para Susanne. As crianças voltariam a correr ao seu lado. Este ano também não poderia ir ao St. Martin's, Advento, St. Nicholas, festas de Natal no infantário e nas escolas. Enquanto Gernhardt ficaria feliz com as boas vendas e com a próxima viagem ao Havai, que eles poderiam voltar a pagar.

\* \* \*

Os intervalos em que a Susanne procurou descanso tornaram-se cada vez mais curtos. Cada vez com mais frequência comete erros de planeamento na loja. Ela esqueceu-se de compromissos para os quais foram encomendados buffets frios - que vergonha! Que irritante para os clientes. Ou ela não planeou pessoal suficiente para que houvesse muito stress na loja. Ela tomou as decisões erradas ao encomendar bens, de modo que muitos artigos saíram demasiado cedo ou foram estragados devido a quantidades em excesso. Na caixa, ela encontrava-se frequentemente a devolver o troco da forma errada - pior ainda, os clientes normalmente descobriam-no antes de se aperceberem. Ela mal conseguia ler a sua própria caligrafia, escrevia as suas notas tão aranhadas, saltitantes e impuras. "Mamã, o que é que eu disse? Não voltaram a ouvir", repreenderam as crianças.

Ela estava cansada. Sempre cansado. Não apenas fisicamente. Ela já não se conseguia recompor.

Os muitos convites, que eram o elixir da vida para Gernhardt, tornaram-se irritantes para ela, embora ela sempre tivesse gostado de ter convidados. Sem descanso, sem acordos! Cada um decidiu apenas por si próprio! Sempre a perseguir prazos, tentando fazer com que tudo funcione! As crianças amotinaram-se quando se tratava de completar as tarefas na casa, já não faziam os trabalhos de casa cuidadosamente, os professores chamavam Susanne, não Gernhardt. Ela sentia há muito tempo: os seus filhos também precisavam de mais atenção, cada um deles, silêncio, conversa, brincadeira, por vezes também com eles, os pais, nem sempre os mandando embora apenas para os amigos.

Deverá isto continuar durante os próximos vinte ou trinta anos? Não havia nada mais belo? Era a vida? Tais questões surgiram nela várias vezes. Ela teria gostado de lidar mais com eles, mas com quem poderia ela ter falado? Tudo era apenas urgente, sempre rápido, sem tempo para desejar, apenas fazer o seu trabalho, só isso!

Quando finalmente perguntou a Gernhardt sobre o assunto, a sua resposta foi: "Claro que amo os meus filhos. Mas eles estão a crescer e depois já não precisam mais de nós. Mas eu preciso de si. Ambos temos de cuidar do nosso próprio progresso, porque então só nos teremos um ao outro.

\* \* \*

A 11 de Novembro o grande jantar de St. Martin's Goose foi agendado em casa. Os pais, irmãos e as suas famílias vinham visitar, como fazem todos os anos.

Susanne estava aterrorizada. Ela viu uma montanha de trabalho à sua frente, e estava tão exausta. Tão infinitamente cansada que ela estava! Ela queria cancelar.

"Não me pode fazer isto", Gernhardt reagiu ao seu desejo. "É uma tradição tão boa. Tem sido sempre uma festa maravilhosa"!

 "Vem ajudar-me na cozinha", gritou Gernhardt então no Dia de São Martinho até ao quarto onde Susanne se tinha deitado, sentindo-se mais queimada do que nunca.

Lá estava ela. Queria levantar-se.

Claro que vou ajudar. Todos eles estarão aqui em breve. Tenho de ajudar.

Eu queria levantar-me. Que diabos aconteceu?

Ela estava ali deitada, presa ao chão.

"Não posso", sussurrou ela.

"Desce, eu preciso de ti!"

"Não posso". Com toda a sua força, tentou responder mais uma vez, mais alto, para que ele a pudesse ouvir.

"Não posso! Não posso".

"Não pode. Devo fazer tudo sozinho, ou o quê? Porque te queres salvar como uma velha avó?"

"Não posso!"

A Susanne ficou ali deitada. Ela queria levantar-se. Ela queria dar-lhe uma ajuda, como sempre. Ela queria...

Ela não se podia mexer. Ela estava na sua cama. Ordenou-se a ela própria que se levantasse. Mas as suas pernas não se levantaram. Nem uma polegada. Como se fosse puxado para baixo para o colchão por um poderoso íman. Os seus braços - nada. Nada os poderia mover. Nem os seus dedos ainda se mexiam. Ela desejava poder levantar-se. É claro que ela queria levantar-se e ajudar. Mas ela só conseguia respirar:

"Não posso".

Gernhardt tinha subido e estava de pé junto à sua cama.

"Tu não queres!" gritou-lhe com raiva, levantou os braços, rolou os olhos. Em pequenos movimentos, abanou a cabeça impacientemente. "Não se pode simplesmente ficar aí deitado"! Aos seus olhos, ficou indignado de horror. Os convidados estavam prestes a chegar. Na cozinha, a mesa ainda não estava posta, o bengaleiro na zona de entrada ainda transbordava com casacos de criança e muitos sapatos, ninguém conseguia passar.

Sim, ela sabia disso. Susanne tinha sempre arrumado a casa. Era isso que Gernhardt queria, quando os convidados foram anunciados.

"Não se pode receber hóspedes assim, como as coisas são aqui!" gritou-lhe ele. "E você deita-se na cama e quer brincar à senhora"!

A Susanne ficou ali deitada, não se mexendo.

 "Agora recompõe-te e levanta-te!"

"Não consigo mexer-me".

Com as mãos em movimento, abanando violentamente a cabeça e gritando alto, Gernhardt foi para os quartos das crianças. Parou as crianças para ajudar com a limpeza e a decoração. Obedeceram imediatamente ao seu tom de voz agudo. Susanne ouviu os pratos a estalar, os copos sobre a mesa a tilintar, o barulho dos sacos em que os sapatos eram enfiados para os fazer desaparecer na cave com todos os brinquedos à volta. As fragrâncias do ganso e dos patos da cozinha rolaram até ela. Sim, ela queria ajudar, não queria deixá-lo sozinho com tudo isto, queria fazer a sua parte, como sempre, não podia deixá-lo sozinho agora.

Uma confusão selvagem na sua cabeça. Mas o seu corpo ficou ali imóvel. Esforçou toda a sua imaginação e pensou desesperadamente em como poderia vestir-se de forma mais inconveniente e rápida do que o planeado, se realmente precisava de arranjar o cabelo...

Mais uma vez ela tentou soltar as pernas do colchão e levantá-las para fora da cama.

Quando um forte choro a atacou. Ela chorou, chorou, chorou, soluçou alto, mais alto e mais alto, agora começou também a chorar, ouviu Gernhardt gemer de baixo, e depois a campainha da porta tocou.

Ela soluçou alto. As crianças, por sua vez, vieram ter com ela, Lisa, Raffael, Dominik, Markus, perguntaram, desoladas, o que se passava com a mamã, mas ela não conseguia arranjar nada a não ser um desmaio, "Não consigo levantar-me.

Mesmo quando a sua irmã mais nova veio para a sua cama, ela não podia dizer mais do que isso.

"Não sejas tão bebé!" ela também empurrou para fora e carimbou o pé antes de sair do quarto.

"Ela não está bem", ouviu Gernhardt explicar à família, "deixem-na em paz hoje". Ela não pode descer".

De facto, ela foi finalmente deixada em paz. A sua tensão alternou com a falta de ar impotente, soluços renovados e vazio interior. Quando ninguém entrou no seu quarto durante muito tempo, ela finalmente sentiu uma calma profunda. Ela sentiu os seus membros a afundarem-se ainda mais na cama. Depois podia finalmente adormecer; ela dormiu e dormiu. Os outros apenas a deixaram dormir até à tarde seguinte.

Os dias e semanas seguintes na época pré-natalícia Susanne só podia trabalhar com meia força. Ela cumpriu o seu dever o melhor que pôde, mas não houve nenhum impulso, que os clientes e amigos e Gernhardt apreciaram tanto nela, a velocidade atlética, as decisões rápidas, o riso alegre, a "alegria de viver", que muitas vezes lhe tinham atestado.

Gernhardt, que teve de assumir muitas das actividades da Susanne, tornou-se cada vez mais agressivo. Ele simplesmente não conseguiu gerir tudo, e a sua mulher reteve-se no seu compromisso, acusou-a em voz alta.

"Que me desiludiram desta maneira! Na época do Natal! Onde geramos quase metade do nosso volume de negócios anual! Nunca pensas em como devemos viver, pois não?" reagiu com raiva. "Mas o dinheiro não é assim tão importante para si", zombou ele. Susanne estava muito deprimida com a sua fraqueza. Ela sempre tinha sido a mulher do poder! Alguns clientes referiam-se a ela como um tipo excessivo. Ela queria a sua energia de volta. Correr, correr, poder, sim, ela queria trabalhar.

Nem pensar. A Susanne permaneceu fraca.

Várias semanas. Em Janeiro.

Gernhardt permaneceu repreensivo.

"Está a retirar-se da nossa responsabilidade conjunta"!

"Deixa-me em paz com a loja, quando eu também tenho o negócio do vinho por atacado"!

"Sabe muito bem que não o posso fazer sozinho", e:

"Em Janeiro, quando eu queria voltar para o Havai contigo!"

Susanne ficou assustada porque já não aguentava mais. O diagnóstico de "depressão" - ela já a tinha ouvido antes - não lhe teria trazido qualquer alívio. Era uma condição ostracizada de que as pessoas só falavam atrás de portas fechadas e à mão armada.

O que ela queria acima de tudo era deitar-se e morrer. Assim não teria de se preocupar mais com nada, não teria de se justificar perante ninguém. Deite-se.

As crianças, apenas as crianças, não Gernhardt, passaram-lhe pela cabeça. Não, ela não podia deixá-los assim. Ela queria realmente estar lá para eles mais. Morrer, não, ela não os ajudaria nisso, pelo contrário, deixá-los-ia novamente em paz. Mas por onde começar, como começar a mudar alguma coisa - e o quê? Como é que ela conseguiu sair desta vida? Gernhardt, o sustento, o negócio, o vinho por atacado, a casa, os amigos mútuos. Estava tudo entrelaçado, os seus caminhos estavam entrelaçados como um nó górdio duro e duro.

Mas como desvendá-lo? Com que espada, em que altura?

Talvez ela estivesse de facto a alinhar-se. Outros também foram infelizes. Karin, por exemplo, tinha-a chocado com a notícia de que tinha cancro da mama e precisava de ser operada. Pelo contrário, a Susanne, ela estava bem, não estava?

"Mãe, também precisas de ser reparada?", perguntou-lhe o pequeno Rafael uma noite enquanto ela o aconchegava.

Ela olhou para ele desconcertada, e depois desatou a rir aliviada.

Ela tomou o seu filhinho nos braços e pressionou-o ternamente contra ela.

"Não, a mamã não precisa de uma operação", disse ela com um sorriso.

A pequena queridinha sabia exactamente o que fazer. É claro! Sim, ela teve de ir para reparações. Ela teve de o admitir a si própria. Ela estava doente. Não realmente, mas realmente - ela estava doente. Ela teve de ir para lá, para a clínica psiquiátrica. Na Münchner Strasse, ela tinha visto o cartaz. Para que mais serviam? Sim, eram também para ela. E para Rafael. Eles arranjavam lá a mãe dele. E para Lisa e Dominik e Markus, ela daria o passo.

Sim, ela faria uma marcação. Sim, ela queria voltar a viver a sua vida, em força, com poder, ela queria voltar a ser um super tipo para os seus filhos.

Gernhardt? Não seria capaz de a ajudar. Não, ele não podia. Não para ele. Para ela própria, ela precisaria agora de toda a sua força.

Há alguns dias atrás, ela tinha um cliente na loja que disse literalmente: "Adoro a minha vida. O que tinha de acontecer para que ela, Susanne, pudesse dizer uma frase dessas? Eu amo a minha vida.

O seu pequeno Raphael tinha-lhe ensinado a resposta. Ela tinha de ser reparada! O seu trabalho com as rodas foi retardado por demasiada fricção. Talvez só faltasse um pouco de óleo?

No dia seguinte, ela tinha um encontro marcado com o seu contacto.

"A primeira coisa que faremos é aplicar um curso de tratamento, de preferência uma cura de maternidade".

"Uma cura?"

Susanne ficou sobressaltada. Ir para algum lugar novamente! "Onde?"

"Onde gostaria de ir?"

Susanne olhou com incerteza para o rosto amistoso atrás da sua secretária. Ela estava realmente autorizada a fazer pedidos aqui?

A mulher olhou para ela com expectativa.

Isso foi possível? Um único som de estrondo na cabeça da Susanne. Mais uma vez ela olhou para a mulher.

Susanne queria tanto ir para o Mar do Norte. Deve ser incrivelmente bonito ali. Mas Gernhardt só queria ir para o sul, Itália, sul de França, onde podia provar e comprar os seus vinhos para o seu negócio. Ou para o Hawaii...

Depois a expressão de Susanne ressuscitou. Numa voz firme, disse ela:

"Para o Mar do Norte". Eu quero ir para o Mar do Norte".

A senhora acenou com a cabeça.

"Com Raphael, o meu mais novo".

Mais uma vez, a senhora acenou com a cabeça. Foi realmente assim tão simples?

Susanne inclinou-se para trás na sua cadeira.

"Sim, para o Mar do Norte".

"...para reparações", acrescentou ela com um sorriso.

Quarto tributário

"Sra. Fall" e "seu marido"

A Sra. Fall e o seu Sr. Psicólogo

Suponha que é mulher e trinta e oito e ainda está de bom humor e no meio de uma crise de meia-idade e se sente constantemente vigiado, como se estivesse a sofrer de mania de perseguição. Depois as pessoas dizem que se pode fazer algo a esse respeito: Deve consultar um psicólogo.

Não há nada de errado com isso.

E apenas porque os psicólogos são frequentemente alojados no quarto andar de um edifício antigo restaurado atrás de uma grande porta de entrada rangente atrás de pequenas portas de elevador antigas, atrás de olhares furtivos da recepcionista, surge um sentimento que se conhece dos velhos tempos na sala de espera do dentista, quando as injecções dolorosas não eram tão comuns. E recorda-se na sala de espera tudo o que leu sobre o inconsciente e sobre os impulsos e sobre a psicologia profunda e os sonhos e a repressão e a repressão e o para e psi da infância e até onde ainda pode ir para o querido Deus.

E então a porta abre-se para Frau Fall, trinta e oito e ainda de bom humor e no meio da sua crise de meia-idade. E não tem casaco branco, nem óculos grossos e nenhum olhar penetrante. Ele cumprimenta-a educadamente como um estudante e não a ajuda a tirar o casaco, e enquanto ela pendura o casaco por cima do cabide sente-se novamente observada e imagina que tem de se apressar para que não pareça que está a provocar a sua ajuda.

E não há aí nenhum sofá, mas é relegada para uma poltrona pelo amigável rapagão da frente.

E enquanto ele pergunta cautelosamente a sua história de tristeza, ela não sabe onde olhar, e sente-se como se estivesse num armário de vidro, no qual não pode esconder nada sem que seja abanado de frente, de trás, de lado, de todo o lado, e não a barriga de dois quilos dos últimos dias de lentidão, não que ela tenha passado a noite na casa de uma amiga, na noite passada, porque o marido não a queria, não quando ela se levantou esta manhã, nem quantos jovens tão fofinhos de aspecto infantil ela seduziu, e ela teme o Mene mene tekel u-parsin: Contada, pesada e dividida, ela não quer ser dividida aqui!

E depois lembra-se do último espectáculo motorizado, o carro com a frente brilhante, brilhante, aparada, e como queria experimentar o interior: Quanta potência tinha o motor e que velocidade passou de zero para cem, e se também estava protegido por um airbag e que desvantagens tinha em relação a ...

Porque ali está sentado, o psicólogo, com grandes olhos âmbar participativos que não a largam, com uma boca finamente curva com lábios definitivamente macios que, visto da sua direita, pode tremer até um sorriso malicioso assim que ela diz realmente a coisa honesta, e com covinhas quando ele sorri, e com as mãos finas que tornam as suas palavras vigorosamente claras, e com o tamanho ideal de homem, pelo menos um oitenta, e as suas respostas vacilam, e no meio ela nota que "excitada" e "crassa" caem no vocabulário dos seus filhos adolescentes.

E aí ele senta-se em frente a ela, pernas cruzadas em calças de ganga crocantes, a cabeça, cerca de trinta e cinco anos, com o corte de cabelo do rapaz liso, descansando na mão do psicólogo, no braço desportivo, na parte de trás da poltrona, enquanto olha para ela com simpatia, e é assim que ele fica fofinho, fofinho de menino na sua camisola norueguesa com o fecho ligeiramente aberto e a gola da camisa branca solta por baixo, e de qualquer forma, ele podia pelo menos usar uma gravata aqui!

Assim, se o psicólogo pode sentar-se ali e o jovem Deus pode brincar, e se ela tem de brincar ao carro de vidro e se sente nua, e se ele pode pensar no poder que ela tem, na rapidez com que se despe, se ela se protege, no seu desempenho em comparação com ... mas depois, como mulher aos trinta e oito anos e ainda de bom humor e em crise de meia-idade, antes de ser contada, pesada e considerada demasiado pesada no duro fluxo inibido da fala, então pode arrancar o casaco do cabide e vesti-lo rapidamente, para que o santo não precise de o ajudar, e depois pode sair apressadamente, passando pela recepcionista com o ar de soberba, no pequeno elevador velho ao longo de quatro andares, para fora da grande porta de saída rangente do edifício antigo lindamente restaurado.

Quinta afluência

"Siglinde" e "Gerold"

Fantasmas

Siglinde segurou o pacote de papel nas suas mãos, perdido em pensamento. Foi um dos seus primeiros documentos escritos num PC, ainda do tempo em que tinha experimentado tanta tristeza. Como tinha ficado orgulhosa quando enfrentou Gerold e fez um curso de informática. Com o novo programa de palavras ela poderia agora erradicar facilmente os erros tipográficos. A barulheira com que os ficheiros eram armazenados no disco nessa altura estava agora de volta aos seus ouvidos.

Várias gerações de PCs tinham passado desde então, as disquetes tinham desaparecido há muito tempo, e muitos ficheiros tinham sido perdidos devido a alterações no PC ou erros de memória ou mesmo vírus. Pelo menos esta versão ainda estava disponível aqui, impressa em papel perfurado por uma impressora matricial de pontos da época. Até agora, ela não tinha conseguido deitar fora os lençóis.

No entanto, a escrita era por vezes muito desbotada, após tantos anos de empurrões de uma pilha de papel para a outra, de um movimento para o outro.

A data ainda era fácil de ler, e ela calculou: ela tinha 39 anos na altura, o seu marido Gerold tinha 41. Que momento difícil! Tinha posto trinta páginas no papel para o seu psicólogo, tinha tratado da sua infância em pormenor, e seguido as "Instruções para um relatório para o seu psicoterapeuta" como um questionário.

"Vai voltar a ver o psicólogo", disse Gerold quando ela se arrastou de um psicólogo para outro, sem sucesso e desesperadamente. Ela poderia muito bem ter precisado de apoio, porque por dentro estava em caos - e medo. Ela teria de se entregar com a sua alma. Uma psicóloga utilizaria ferramentas que ela não poderia simplesmente tocar. Ele usá-las-ia para bisbilhotar no seu submundo e estragar-lhe a vida. Mesmo que já estivesse fora de si. A companhia de seguros de saúde pagou por várias lições experimentais deste tipo. Até ela ter decidido pelo Sr. Wieland. Tinha parecido muito digno de confiança na sua forma de lhe perguntar e de lhe responder.

Mas basicamente não tinha sido uma decisão sua. Na verdade, ela tinha simplesmente ficado sem forças. Ela tinha sido constantemente atormentada por uma violenta agitação interior que lhe saqueou a mente, o corpo e a alma, o que lhe custou uma quantidade infinita de energia, de modo que no final o seu esgotamento foi o factor decisivo: "Vou levá-lo, ele tem de me ajudar agora, imediatamente! Não posso continuar!

Gerold parecia não ser capaz de compreender o seu estado de exaustão.

"Você é um caso para o manicómio", comentou sobre os esforços de Sig Linde para melhorar a sua condição.

Só anos mais tarde, quando ela tinha ganho um pouco mais de distância de si e dele, é que ela começou a suspeitar que tais afirmações, que tanto a magoavam, eram o resultado do seu próprio desespero. Temia nesta nova e confusa situação para ele que a sua esposa mudasse de rumo - sem ele. Ele provavelmente simplesmente não sabia como lidar com isto de forma diferente, ela explicou as suas palavras feias.

Ela passou o dedo sobre a borda perfurada do papel perfurado como se pudesse usá-lo para rastrear o tempo passado.

"Lembro-me do ambiente familiar na casa dos meus pais como bastante ameaçador e desarmonioso", leu então ela.

Sim, foi assim que aconteceu. De facto, tinha demorado muito tempo a alcançar finalmente a relação agora amigável que cultivava com os seus pais. Sim, ela tinha feito um bom trabalho nas últimas décadas.

"Conheço a minha mãe como uma mulher de poder resoluto", continuou ela a ler, "que, com muita intuição, bem como o seu temperamento e energia, perturba e m itreii es toda a paz no seu ambiente. Também reconheço frequentemente esta qualidade em mim próprio. Também tenho energia sem limites - quando sei para onde ir.

Mas desde o meu nascimento, que ela quase não sobreviveu, a saúde da mamã tinha-se deteriorado. Ela introduziu frequentemente histórias sobre as suas doenças multifacetadas com um olhar significativo para mim: 'Desde que tu... - Eu tenho uma perna aberta".

Parece mau, mas do meu ponto de vista ela tirou partido da sua doença: Ao deitar-se fraca e doente no sofá da nossa sala de estar na cozinha, a mamã forçou a atenção e a consideração de toda a família. Ela enviava-me frequentemente para fazer coisas que não eram para seu apoio, mas que eram simplesmente aborrecidas para ela. Contradizê-la, contudo, teria significado ignorar a sua doença e não a levar tão a sério. Até hoje não fui capaz de resistir ao seu olhar de sofrimento. Afinal de contas, eu era o culpado pelo seu estado.

Siglinde lembrou-se que a psicóloga a tinha exortado em palavras enfáticas a exprimir os seus pensamentos incessantemente e a não se esquivar de a culpar. "Só quando uma acusação é nomeada, o Sr. Wieland explicou-lhe, pode retomá-la e esclarecer a situação.

O texto continuou:

"O meu pai é um homem bastante atencioso, lutando com o destino, calmo, reservado, visionário. E depois, quando está cansado de tudo, de repente é explosivo, irritável, irritável, rebelde, incontrolável, incontrolável e portanto imprevisível, agressivo, colérico, mas também obstinadamente ambicioso. Reformou-se aos 58 anos de idade, após três anos de incapacidade para o trabalho devido a depressão e depois de ter passado algum tempo em clínicas de saúde. Hoje tem 71 anos", lê-se Siglinde.

"Pai e mãe, sinto, estão unidos em mim em partes iguais. A tensão que os dois me apresentaram do exterior durante toda a minha vida, experimento na minha vida interior, e não a consigo desarmar.

Os meus pais discutiram muito e ainda hoje discutem muito. Achei e continuo a achar insuportável quando eles se humilham uns aos outros antes de depois baterem as portas sem acordo. Infelizmente, o meu marido e eu também lutamos muito".

Uma e outra vez Siglinde já não conseguia ler várias passagens ou mesmo páginas do maço de papéis porque estavam demasiado desbotadas.

Depois ela tinha respondido a perguntas sobre os seus irmãos em algumas linhas:

"A minha mãe amava muito o meu irmão Jürgen (ou tratou-o preferencialmente porque era frequentemente tratado de forma desdenhosa pelo nosso pai e era também severamente espancado e ela não fazia nada e agora tinha má consciência?) Jürgen é seis anos mais velho do que eu.

Vejo-me como uma rapariga superficialmente querida, bem comportada, ordeira e obediente, com quem não era necessário lidar. Compreendi cedo que essa contradição me trouxe desvantagens e levou a cabo secretamente muitas coisas que os meus pais me tinham proibido.

A minha irmã Nicole, sete anos mais nova do que eu, é descrita pelo meu pai como um pacote de alegria. Ela é loira e de olhos azuis, por isso para o meu pai, o patriota, um ideal de beleza. Ela também era 'forte'. "Ela nasceu num tempo calmo e próspero. Ela era muito animada, dava muito prazer e conseguia tudo o que queria'. É assim que o meu pai fala dela hoje".

Siglinde continuava a bocejar para um pedaço de papel cinzento vazio. Um pouco mais à frente, ela poderia decifrar novamente:

"A minha relação com os meus pais ainda é muito infantil, eles ainda estão muito activamente envolvidos na minha vida. Frequentemente vou ter com eles, mas mais como uma criança desafiadora.

(…)

Para o meu pai, eu sempre fui a criança fraca. Uma criança saudável tinha de ser rechonchuda para ele. Depois foi uma criança 'forte'. Não havia nada "sobre mim", dizia ele muitas vezes. No mesmo contexto, chamou-me o seu 'Kritzimari'. Nunca ouvi esta palavra de mais ninguém, não sei de onde a tirou. Mas a sua expressão de desdém no seu rosto (ainda hoje me retiro quando o imagino) mostrou-me o seu significado: "Sua coisa patética e miserável! Ele também não gostava das minhas sardas. Eles são feios, herdou-os de mim", disse ele muitas vezes.

(…)

Assim que uma situação se tornou ligeiramente dramática, as lágrimas vieram-me aos olhos. Eu chorei muito. O meu pai dizia-me: "Pára já com isso! Ele sentou-se numa postura ameaçadora e ordenou-me que parasse de chorar. Mas isto fez-me chorar ainda mais, não consegui parar por comando. Depois disso houve normalmente uma forte bofetada na cara, "para que se saiba porque estás a chorar".

O meu pai cresceu no país, não houve qualquer escrúpulo.

(…)

A minha mãe também me batia frequentemente: com a vara, que, como ela disse, gritava por 'carne' cada vez que clicava. "Estás a ouvir?" perguntou-me ela na sua fúria, "Estás a ouvir? "E mais uma vez!

Ou com a correia de couro que estava sempre à espera no toalheiro da cozinha e não tinha outro uso ali; ou com a rede de nylon para compras, cujos muitos nós eram particularmente dolorosos".

Siglinde colocou o documento em cima da mesa. Isso abalou-a. Que carga ela tinha feito! Como soou mal nos seus ouvidos hoje em dia.

Mas ela lembrou-se da sua terceira classe na escola primária. Como a professora Schikowsky não só os rapazes, mas também uma colega de classe de oito anos - não se chamava Waltraud? -, bater-lhe com um pau até ela sangrar. E não apenas uma vez. Porque mais de uma vez ela não tinha feito os seus trabalhos de casa. A rapariga vivia num bairro muito pobre. O seu pai era conhecido de todas as crianças da cidade porque cambaleava pelas ruas, bêbado e cambaleante mesmo durante o dia. Foram tidas em conta as circunstâncias familiares nos anos sessenta? Até 1973, Siglinde tinha lido, os castigos corporais eram permitidos nas escolas. Até 1980, o castigo corporal era um direito dos pais. Assim, os pais de Siglinde não foram excepção.

Ela dobrou-se novamente sobre as páginas e continuou a ler.

"A última vez que o meu pai me esbofeteou - por ordem da minha mãe - foi quando eu tinha quinze anos e não queria combinar uma certa camisola com uma certa saia. Para ela, a roupa tinha de ser "desde que seja limpa". A moda era algo censurável. Mas quando se trata de roupa, sempre tive um defensor no meu irmão mais velho. Ambos queríamos integrar-nos com outras pessoas em vez dos nossos pais, para pelo menos obter o reconhecimento dos outros.

(…)

O meu pai mantinha os coelhos no estábulo no nosso jardim. Quando eu tinha cerca de dois anos de idade, sonhava com um coelho de tamanho exagerado. Eu estava muito assustado e sofri um ataque cardíaco no meu berço. A minha mãe reparou nisto com o tempo e reanimou-me, diz ela, agarrando o meu pequeno corpo pelas pernas e abanando-o vigorosamente, cabeça para baixo, até eu poder respirar novamente.

Aqui Siglinde fez uma pausa. Pensando bem, ela olhou pela janela.

Que bom que ela estava viva. Que a sua mãe tinha tido uma reacção tão boa.

"Obrigado, mamã, por me deixares viver", disse ela a si própria. E a outra coisa - simplesmente não conhecia nada melhor. Transmitiu a sua própria educação. Há tantas coisas que também não fiz bem com os meus filhos. Os espíritos do passado têm um poder tão grande sobre nós!

"Muitas vezes tive pesadelos e medo no meu berço, depois chorei e quis ir para a cama com os meus pais. Uma vez o meu pai veio para a minha cama e gritou-me em voz alta por causa disso. Na manhã seguinte tive uma febre alta. Não tentei entrar na cama dos meus pais depois disso.

(…)

As nossas vidas foram muito intencionais. Tinha o seu dever a cumprir. Ouvi pela primeira vez o termo "artesanato" de crianças do bairro quando tinha oito anos de idade. Para nós, o artesanato era algo inútil e inútil.

(…)

A minha mãe mandou-me de volta à loja da esquina para reclamar sempre que eu trazia para casa um ovo partido no saco de papel grosso e castanho - se a tia Berta tinha sido descuidada ou se eu tinha sido descuidada ou se a "tia Berta" o tinha contrabandeado, eu não sabia dizer aos seis ou sete anos de idade (as caixas de ovos ainda não eram comuns). Sempre achei a sua troca muito humilhante, especialmente quando a mãe me enviava para fora do horário de abertura e eu tinha de bater à porta das traseiras. Lembro-me bem que era impossível para mim dizer o meu nome à tia Berta quando ela perguntou quem estava lá na porta ainda fechada. Eu poderia sempre responder apenas com "eu", mesmo às suas repetidas perguntas educativas: "Qual é o seu nome? Eu nunca disse o meu nome, apenas "eu".

(…)

Tive de ajudar o meu pai a abater os coelhos. Ele pressionou as patas traseiras do animal em movimento nas minhas mãos. Ele matou o animal com um golpe bem dirigido na nuca com o machado. Entretanto li que desta forma os coelhos recebem o mínimo de atenção. Mas para mim é uma memória terrível como eles pararam de se contorcer na minha mão. Afinal de contas, os nossos coelhos eram meus amigos, com quem acariciava, brincava e a quem dava nomes!

(…)

No meu primeiro dia de escola, a minha mãe tinha a mãe de uma vizinha que me acompanhava. A mamã foi trabalhar. Eu era a única criança que veio sem a minha mãe. Como adulto, ainda me ressentia dela por não ir comigo e, mais uma vez, ela preferia o seu trabalho ao meu.

(…)

Interroguei-me, talvez com doze anos, sobre um casal que era amigo dos meus pais: O marido, tio Hans, estava a admirar as meias de nylon e as belas pernas da sua mulher. E também elogiou as costuras de meia na perna de trás! Não falámos de "algo do género". A minha mãe usava habitualmente meias grossas de lã, saias longas e cuecas de lã até aos joelhos, sobretudo também no Verão, devido às suas doenças.

(…)

Lembro-me com prazer da minha juventude entre cerca de doze e dezanove anos. Tive bons amigos e encontrei muitas desculpas para não estar em casa durante a tarde. Juntamente com os meus colegas de turma, envolvi-me em muitas tendências da época. A minha escola secundária em Schwabing ficava a uma hora de autocarro e eu não podia ser controlado a partir de casa. Enrolei a minha saia comprida, que a minha mãe tinha encomendado, numa minissaia curta e depois da esquina da rua cortei o meu rabo de cavalo em cabelos compridos, à medida que as raparigas a usavam no final dos anos 60 na sua nova abertura. Ao meio-dia voltei para casa depois da esquina da rua como a boa filha.

(…)

Quando eu tinha 19 anos, conheci o meu marido, e ele sentiu-se atraído pela minha maneira fria e desdenhosa, o que foi apenas um acto. Pelo contrário, eu era muito mole e vulnerável por dentro. A nossa amizade de dois anos antes do casamento foi marcada pelas minhas reticências, as minhas frequentes mudanças de sim e não, um ir e vir e o meu medo de ceder a sentimentos que, se eu não retribuísse, me poderiam magoar. Assim, preferi ofendê-lo com uma atitude pouco clara, por vezes com cortesia simpática, por vezes com desejo e depois novamente com rejeição dura, desde o início com medo no meu pescoço: "É impossível que ele te ame.

 (…)

Fui inoculado pelos meus pais com o lema "Os rapazes são maus e magoam as raparigas".

Para mim, este lema foi confirmado pelo comportamento do meu irmão mais velho em relação às raparigas. Viveu com os nossos pais até aos 22 anos de idade. Jürgen mudou as suas namoradas com muita frequência e muitas vezes teve casos de amor a correr em paralelo. Sem querer, instruiu-me a negá-lo no telefone da família, o que era comum nessa altura, quando a sua amiga principal de longa data Renate telefonou e ele tinha outra rapariga com ele no seu quarto. Eu não era suficientemente forte para resistir ao meu irmão mais velho, mas não podia levar as suas filhas tão facilmente como Jürgen queria que eu levasse. Finalmente gostei muito da Renate, ela foi sempre muito simpática para mim. O meu irmão tem agora quarenta e cinco anos e não é casado e continua indeciso. O seu comportamento é, suponho eu, parcialmente responsável pela minha certeza de que sou impotente contra os homens.

Isto reflectiu-se na minha relação com o meu marido como agradecimento por ele "me ter levado". Da minha perspectiva de hoje, isto levou a uma submissão, escravidão e dependência no nosso casamento que só tardiamente reconheci. Do qual quero agora escapar de forma activa e violenta.

(…)

Sei que não estou por trás da minha vida anterior, foi mais a vida do meu marido que eu levei.

(…)

Agora começo uma psicoterapia porque perdi o meu poder na luta pelo amor.

O que é que, em última análise, quero alcançar através da terapia?, perguntam as instruções. É muito difícil para mim formular isto. "Exorcizar a vossa própria vontade" foi um dos objectivos educacionais dos meus pais. Agora, como é suposto eu saber o que quero?

Tento fazê-lo:

Quero poder querer o que eu quero.

Siglinde segurou as folhas contra a janela. Ela acendeu-os com o luminoso candeeiro de secretária. Ela inclinou-se ainda mais sobre ela. Era só isso que havia para sair dela. No máximo, ela só conseguia distinguir palavras únicas e incoerentes que não faziam sentido.

Durante algum tempo ela olhou para os papéis amarelos cinzentos na sua mão. Ela virou-os e entregou-os. e colocou-os sobre a mesa. Empurrou-os para longe e de novo para trás. ...olhando atenciosamente para a impressão antiga das personagens. Voltou a virar as páginas para a frente e depois para trás novamente. Ela ergueu os olhos para a janela. Durante muito tempo ela olhou para as nuvens no céu. De repente, a grande paz voltou para ela. Ela dobrou-se debaixo da mesa. E entregou os velhos e pálidos espíritos à trituradora que ali se encontrava.

Sexto influxo

"eu" e "Guenter"

O lote das sogras

Tudo parece muito claro na minha concha de caracol. Aqui no meu Cévennes, o selvagem Cévennes francês. São tão díspares, espaçosos e variados, como foram feitos para mim.

Converti a minha carrinha numa mini-camper e tudo o que preciso está sempre comigo. Porta da cauda aberta, panela para fora, garrafa de água aqui, fogão a gás ligado, fervura. Aqui, em terreno seco à beira da estrada. Posso fazer um café em pouco tempo, uma sopa em pó, o que quer que seja. Levantei-me e deixei imediatamente o meu lugar de dormir, ainda não lavado. É tão fácil, é tão maravilhoso não ser civilizado. Nada mais que eu precise. E do sol há raios solares gratuitos e felizes como bónus. Não posso acreditar que não tenha feito isto antes.

No decurso do lazer que vem com o meu sentimento de liberdade, as memórias continuam a rastejar.

Esta época de um acontecimento que deveria influenciar mais a minha vida do que eu poderia ter adivinhado nessa altura.

Já se passaram mais de trinta anos ... duas semanas antes do nosso casamento. Günter, que tinha sido transferido pela sua empresa para Düsseldorf durante um ano, visitou-me em Munique pelo menos de quinze em quinze dias. Apenas duas vezes visitei os seus pais na sua casa inteligente em Nuremberga.

Eu nunca tinha estado com Günter em Düsseldorf. Ele só tinha considerado o seu apartamento como uma casa temporária e tinha mobilado apenas as coisas mais necessárias. Durante o dia trabalhava longas horas, nos fins-de-semana costumava ir a Munique directamente após o trabalho.

Agora os pais de Günter, que eram proprietários de uma farmácia em Nuremberga e procuravam as últimas tendências na feira em Düsseldorf, queriam visitá-lo - e ele queria que eu estivesse lá, ele desejava. Fiquei bastante entusiasmado quando cheguei a casa de Günter, apenas três horas antes deles, vindos de Munique. Dentro de poucos dias tornar-me-ia sua esposa e sua nora.

O mobiliário de Günter era improvisado, a cozinha apenas minimamente equipada e a limpeza, bem, não satisfazia os padrões de uma boa dona de casa alemã. Por outras palavras, o apartamento estava uma confusão quando eu cheguei.

As cortinas, que ele tinha recebido da sua mãe, ainda estavam sobre uma poltrona. Uma toalha de mesa sobre a mesa estava cheia de nódoas. Algures no chão de PVC havia uma carpete manchada, de forma bastante acidental e inútil.

Os pratos usados tinham - afinal - sido enxaguados e colocados na bacia, outros pratos ainda estavam desembalados e em caixas. E nos rodapés em toda a volta tinham acumulado faixas de pó. O meu dilema era grande. Eu vi a sujidade e a confusão, e isso incomodou-me. Posso desviar o olhar? Era minha responsabilidade agora e no futuro tornar o seu apartamento apresentável para ele, para o elevar ao nível de limpeza da casa dos seus pais?

Não, não estava, eu decidi. Mas reparei que ele gostaria de ter apresentado um apartamento arrumado aos seus pais: "Podes comer do chão em casa da minha mãe", disse ele, olhando para mim impotente. Tive pena dele - e decidi ajudá-lo. Assim, dividimos o tempo por dois, satisfizemos a nossa necessidade de ternura na primeira metade, e depois procurámos rapidamente alguns pratos da caixa para uma noite com os pais que fosse o mais confortável possível, localizámos a roupa de cama e preparámos locais de dormir para eles, arrumados o melhor que pudemos. O tempo acabou rapidamente.

É claro que a nossa mesa de recepção não foi posta como se aprenderia numa escola de gestão hoteleira: Oferecemos diferentes taças de vinho, os pratos dispostos na ordem das caixas de procura, sal e pimenta da embalagem, e como não tínhamos encontrado nenhum talher na caixa à pressa, apresentámos talheres descartáveis que eu tinha comprado rapidamente lá em baixo no quiosque.

"Tal como acampar", disse eu de bom humor e orgulhoso por ter trazido estas soluções à mesa para os meus sogros.

Mas não, isso teria sido demasiado fácil!

A minha futura sogra tinha uma opinião diferente. Ultrajada e com um tom pontiagudo, ela olhou de forma penetrante para o seu filho desarrumado e para a nora desarrumada.

E depois veio a sua sentença, que foi deixar-me uma impressão duradoura: "Mas estou melhor equipado para acampar!

Aparentemente, fui o único que ouvi essa frase. Porque o tom da sua exclamação entrou profundamente na minha consciência. Não faço ideia do que mais foi dito naquela noite. Apenas que ela me ofereceu o "Podes chamar-me Martha".

"Estarei melhor equipado para acampar"! Com essa frase, percebi nessa noite que a minha abordagem criativa à manutenção da casa seria uma pedra de toque para mim.

De facto, em breve tive a oportunidade de ser hóspede da sua própria caravana bem guardada num acampamento bem guardado com outras caravanas bem guardadas. Fui servido com louça de mesa bonita e moderna, cuja cor foi exactamente repetida no padrão listrado da toalha de mesa. A salsicha de jantar foi retirada do grande frigorífico limpo e branco e o pão foi acabado de cozer num forno intermitente com o último desenho. Os senhores da família receberam tulipas redondas de cogumelos para a flor certa no pilsner, água foi servida em copos de água e o Trollinger que bebemos em copos de vinho brilhante. Todos os presentes tinham um assento confortável à mesa com almofadas de bom gosto, e eu não me atrevi a levantar no meio, pelo menos por um momento para sair do confinamento. Até cerca da meia-noite, a família ficou sem coisas para falar e Günter e eu voltámos para casa.

É estranho. A minha futura sogra encarnava um estilo de vida do qual eu estava longe, e mesmo assim, por toda a minha incompreensão, eu admirava-a. Porquê? Porque eu sentia que Günter a admirava. "Pode comer do chão em casa da minha mãe". Não exigente, não censurável. Mas pelo seu tom podia dizer o quanto ele gostava dele. Como se vestiu com bom gosto, como a encontrou bonita. Que esplêndido, único, insuperável. Como ela era brilhante. Eu queria ser como a sua mãe.

Mas nada disto tinha entrado na minha consciência na altura. Assim, no futuro, sem me aperceber, segui a minha sogra no caminho da limpeza e do que ela chamou bom gosto.

Ao longo dos anos, tirei a minha roupa engraçada e colorida e aprendi o que significava ser uma senhora. Os meus sapatos agora combinavam com o meu cinto de couro e pela primeira vez na minha vida comprei um batom que combinava com a cor da minha roupa. Sem me aperceber, copiei a sua eficiência, tão elogiada por Günter, na delicatessen posterior de Günter, onde eu - é claro! - trazidos.

Aí converti as minhas necessidades desportivas em movimentos funcionais e funcionais que servem os nossos negócios diários. Por exemplo, arrastar caixas de vinho pesadas e rapidamente ir buscar bens tripptrapp tripptrapp à adega. Usei um chapéu em eventos sociais. Mesmo quando tivemos vários filhos, as minhas próprias necessidades permaneceram secundárias - e em vez de uma prática carruagem familiar, conduzimos o último Mercedes, que foi altamente considerado pela mãe de Günter. No porta-bagagens do Mercedes, que estava situado no alto, só consegui levantar os carrinhos de bebé com grande dificuldade.

Durante quase vinte anos pratiquei tornar-me uma donzela - e repreendi-me quando o meu lado selvagem se rompeu e não me comportei como a sua mãe. Quando numa excursão em família andei descalço pelo prado e não usei o caminho com as botas de caminhada da marca hip. Quando não só quis admirar o belo lago da montanha, como fui nadar nele. E não me importava de poder secar o cabelo molhado de molho a um penteado adequado depois.

Mas não reparei então em tudo isso. Adaptei-me, quis reconhecimento, consegui-o, e ainda estava infeliz. Recebi crédito pelas coisas erradas! E Günter não recebeu de mim aquilo por que poderia ter-me amado: este é o meu lado selvagem. Isso poderia ter-lhe trazido a emancipação das suas raízes.

Mas agora, mais dez anos depois, aqui estou eu. No meu selvagem Cévennes. Eu própria já sou sogra, uff, quanta responsabilidade este papel poderia carregar sem que eu desse por isso!

Hoje tomo a liberdade de parar nesta curva da estrada, onde há uma vista particularmente romântica das montanhas escarpadas. Permitam-me abrir a porta traseira na berma da estrada, sobre um mini fogão a gás que encontra o seu melhor lugar no solo, aquecer água e beber o meu café instantâneo em total liberdade.

Talvez a Martha também tivesse gostado desta simplicidade?

Claro que também teria feito uma chávena de café para ela!

Sétimo tributário

"Sabine" e "Gerhard". "Arnold"

O que dura muito tempo

Caro Vroni,

Aqui estou eu outra vez. Com a continuação prometida da minha última carta. Já lhe tinha dito muito sobre o que senti após o meu divórcio de Gerhard. Ela não era nenhuma lambedora de mel. E nem o tempo que se seguiu a isso. Houve algumas tentativas falhadas do "Homem Novo". Já se passaram quase 15 anos. Como se sente, querida Vroni, agora? Após o seu divórcio, ainda vive em tal reclusão?

Escolhi o caminho da psicanálise por mim próprio. Não foi uma decisão fácil para mim. De facto, não fui eu que o fiz, mas sim a minha pobre saúde mental: Tinha-me tornado completamente impotente, não tinha qualquer perspectiva de melhoria na minha vida, não tinha qualquer objectivo à vista, simplesmente não podia continuar, estava queimado. Sem os meus filhos - receio ter-me-ia entregado.

E sem terapia, eu teria permanecido na tímida posição de "Antes um infortúnio conhecido do que uma felicidade desconhecida". Só através de muitas conversas e experimentando novos comportamentos é que as estruturas que me magoam se soltam.

Muito frequentemente, porém, tive de dizer a mim próprio outro provérbio: "Melhor um fim com horror do que um horror sem fim". Mas muitas vezes isto magoou-me, e fiquei muito surpreendido como perdi a velha normalidade com toda a sua rotina. Tal como Moisés e os israelitas, ansiava por regressar às panelas de carne do Egipto, lembra-se deste quadro da educação religiosa? Vinte anos de hábitos estabelecidos, sabe ... Não tinha qualquer estrutura na minha nova vida. Era quase insuportável.

 O desenvolvimento foi assim:

Depois de Arnold e eu nos termos contactado através de um site de solteiros na Internet, ele revelou-se o "amigo por correspondência" ideal para mim. Quão maravilhosamente sem compromisso nos pudemos dirigir abertamente uns aos outros por e-mail, o que nos comoveu! A pensar na nossa vida. Muito pessoal. Assim, fui mesmo capaz de reflectir sobre a minha compreensão do casamento com alguém em pormenor. Ele tinha as mesmas perguntas que eu e também estava à procura das respostas.

Mas quando a nossa abertura se aproximou demasiado de mim, fiquei contente por ter escrito a um homem cujo código postal começou com 2. Longe, longe de mim com as 8, mas não perto... A única vez que teve de fazer uma chamada telefónica foi se quisesse saber o que se pretendia saber no correio.

Aparentemente, Arnold era da mesma maneira. Ele agiu exactamente como eu o imaginava a agir. Ele nunca me empurrou. Ele não insistiu em conhecer-me, em mais e-mails, em mais telefonemas, em nada. Continuou assim durante meio ano.

Ele podia esperar até eu estender um convite: "Vem visitar-me, vou dar uma festa de jardim casual para amigos e seus amigos no dia 12 de Julho".

Escrevi isto sabendo muito bem que Oldenburg era demasiado longe para tomar a distância para uma festa de fim-de-semana no jardim. Mas pensei que esta festa seria uma boa oportunidade para olharmos uns para os outros num ambiente descontraído e para continuarmos a enviar e-mails a partir daí, tal como antes. Sim, tem a combinação certa: "Lave o meu pêlo, mas não me molhe!"

No meu e-mail não tinha, naturalmente, formulado estes pensamentos. E Arnold nem sequer saltou para a minha camuflagem "festa de jardim solto", mas apenas ouviu "convite". Telefonou-me. Uma vez que tinha um trabalho importante para terminar, não pôde vir a 12 de Julho. Mas ele poderia vir no fim-de-semana seguinte.

Agora fiquei quente! Como é que eu saí deste esquema! A sua sugestão não correspondia em nada ao que eu tinha pretendido. Não, eu não queria que fosse difícil. Uma reunião tão pessoal, durante um fim-de-semana inteiro, sem a protecção dos outros convidados! Além disso, se ele veio, de tão longe, se isso não era outra obrigação - ufa, ser educado, oferecer comida, cuidar dele, o convidado é rei e tudo isso.

Antes que eu pudesse terminar de pensar, ele prosseguiu:

Quer ele pudesse trazer as suas três filhas com ele, elas só teriam de passar a noite algures, todas as quatro, porque o caminho de casa era tão longe. Ele perguntou isto num tom de voz tão desamparado que me irritei em gargalhadas igualmente desamparadas. Sim, ele tinha planeado uma visita aos seus pais em Mannheim nesse fim-de-semana há muito tempo e tinha tirado um tempo de folga até terça-feira, ele defendeu a si próprio. Ele disse que a Baixa Saxónia já estava de férias. E Mannheim já está a meio caminho a sul de mim.

Não, não, gritou dentro de mim, eu queria estar relaxado, festa de jardim, sim, mas não.

Horror, pânico!

Mas ele parecia tão simpático.

Será que posso mesmo cancelar? Foi contra a nossa tradição familiar. Tivemos uma casa aberta.

Se aceitei, quanta responsabilidade assumi? Foi apenas uma "visita não vinculativa", onde eu poderia ter dito: ", não aguento um fim-de-semana inteiro contigo", ou tive de aguentar por causa das crianças, que não queres ofender? Não foi demasiado para mim? Sim, foi demais para mim!

Para ordenar todas as respostas possíveis na minha cabeça, teria de suportar pelo menos uma pausa de dez segundos nos meus pensamentos.

mas já me ouvi dizer: Sim, claro que pode vir.

Cara Vroni, não conhece esta bela e velha casa mágica onde eu vivi com os meus filhos em Strasslach, entretanto, tinha-se mudado de Ismaning pouco antes de mim.

Não tínhamos muito espaço para visitantes na casa, mas estava rodeada por um maravilhoso e grande jardim selvagem com altas macieiras, pereiras e ameixoeiras, dois galpões bonitos, um velho barracão de ferramentas, com cantos e recantos escondidos, os meus filhos e eu adorávamo-lo mais do que tudo - por isso, convidei o Arnold a trazer uma tenda e a atirá-la para o nosso jardim. Todos os seus outros utensílios seriam então acomodados.

"Também pode ter a nossa grande tenda familiar, então terá mais espaço", eu sugeri-lhe. Novamente os meus cálculos: Se ele é terrível, pelo menos eu não o tenho em casa.

Mas não me apeteceu montá-la e prepará-la. Para tornar isto claro, disse eu:

"Constrói-se você mesmo".

Foi o que aprendi até agora: Não assumir tarefas que não lhe agradam só porque pode ou não ser esperado. E mais uma vez recebi confirmação para a minha nova linha: eu teria me atormentado enquanto montava a tenda, sacrificado - ele, por outro lado, disse muito simplesmente

"Estou a divertir-me tanto!"

O fantástico tempo de Verão apoiou-nos e facilitou bastante a nossa reunião. Isto também foi ajudado pelo facto de as suas três adolescentes nos seus grupos etários terem encontrado um equivalente aproximado na idade dos meus filhos. E Dominik, o meu rapaz crescido, já tinha aceite um lugar na universidade de Würzburg e não estava lá. Os nossos descendentes mudaram-se rapidamente para os seus quartos juntos, para que Arnold e eu pudéssemos passar um bom bocado sozinhos e observar-nos um ao outro.

Oh, querida Vroni, não nos tornámos todos demasiado cautelosos depois de tanta decepção? Somos cuidadosos, oh sim. Também ele.

"Da nossa grande festa de Verão da semana passada ainda há muitas salsichas grelhadas", disse eu. O meu tom foi apologético.

Porquê, na verdade? Gerhard, você conhece-o, o grande gourmet, sentiu as salsichas como algo baixo, não lhe foi permitido oferecer algo assim a um convidado! Comeu sempre bifes, carne verdadeira. Vinte anos com um parceiro, que nos faz algo, que nos educa, você sabe disso! Ainda peço desculpa em nome de Gerard.

Mas Arnold não poderia ter sabido disso. Ele estava feliz.

"Adoro salsichas. Tem ali um grelhador. Posso ligá-lo?"

Oh, fiquei feliz por o deixar fazer isso.

Mas tive alguns momentos de paz e sossego para o ver a fazê-lo. Como escolheu a madeira do barracão com calma e ponderação e com uma alegria tranquila, cortou-a com o machado no velho tronco, como mais tarde acrescentou os pedaços maiores de madeira na grelha. Sempre com uma satisfação relaxada no seu rosto. Era isso que eu gostava nele. Ele parecia descansar em si mesmo, não precisando dos meus cuidados e atenção. Isto era novo para mim sobre o homem, fez-me bem, senti-me aliviado da minha pretensão de ter de dar atenção e reconhecimento - venha o inferno ou água alta, sempre tive de estar lá para o homem.

 Apenas isto sobre a aparência do Arnold: ele pareceu-me simpático. O tamanho, sim, e a figura, que se encaixam. Não notei quaisquer outros detalhes. Especialmente porque era quase noite e escuro no jardim. Então ele tirou a sua guitarra do carro e tocou Bridge Over Troubled Water.

"Esse era o meu disco favorito", fiquei contente por ouvi-lo, "a sua capa verde está toda gasta"!

Depois tocou "Puff, o Dragão Mágico" de Pedro, Paulo e Maria.

"O quê, também a conhece?"

"Ainda tem aquele disco com a capa vermelha?"

"Sim, eu quero!"

Eu cantava as suas canções em voz alta, ele cantava a parte superior, eu cantava a parte inferior, era harmoniosa, e ele tocava-a muito bem.

Os nossos filhos, quase todos adolescentes, davam-se bem. Só os víamos à hora das refeições.

A tensão inicial tinha dado lugar a uma agradável folga. Em breve os dias acabaram.

Arnold visitou-me novamente durante as férias de Outono.

"As minhas filhas gostariam de estar de novo com os vossos filhos".

Claro, sorria.

Fiquei feliz.

E da próxima vez que nos encontrámos, tive muito cuidado em fazer o que queria fazer - e não me comprometer. Fui muito corajoso e experimentei com ele muitos comportamentos novos que eram importantes para mim. E eis que nada de mal aconteceu. Ele podia aceitar tudo o que eu quisesse. E ele permaneceu calmo, não ficou nada perturbado, pareceu satisfeito quando pediu os meus desejos e pôde responder a eles. Foi uma experiência realmente nova para mim.

Quando ele partiu de novo, chamei desesperadamente a minha amiga Susanne:

"Ei, eu conheci este tipo muito simpático".

"Sim, bom para si. Porque é isso tão difícil"?

"Estou tão feliz por estar longe de Gerhard, com todo aquele álcool. Olha para ele, ele está mesmo interessado nisso! Eu quase também sou, sabe..."

"Sim, o meu Pedro foi vê-lo recentemente. Gerhard continua a ladrar. Faz uma pausa, mas depois começa a beber novamente. Estamos muito preocupados com ele".

"E agora Arnold, é esse o seu nome. Arnold não bebe álcool, nem uma gota"!

"Sejam felizes!"

"Não, ele não pode ter nenhum!"

"Porque não, ele está doente?"

"Poderia chamar-lhe isso. Era um alcoólico. Está em reabilitação.

Susanne riu-se no outro extremo da linha.

"Bem, então está tudo bem. Pelo menos ele já o fez"!

"Estou assustado", disse eu. "Na nossa casa, há garrafas por todo o lado, as crianças já estão a ter uma festa pré-vidrosa, como se costuma dizer, a beber, conhece-se esta estranha tendência. Além disso, os meus filhos estão tão habituados a Gerhard, que não há como reter"!

"Então este Arnold é uma enorme oportunidade para si! Os seus filhos vão ver que o pode fazer sem álcool.

"Acha mesmo que podemos fazer isso? Estou tão assustada.

"Bem, ainda não estás casado com ele! Podia experimentar, ver como ele lida com isso. Depois tive de fazer o molho para ele sem vinho tinto.

Cara Vroni, lembra-se da Susanne? Ela bate sempre com o prego na cabeça, e eu aprecio-a por isso.

Arnold convidou-me a passar uma semana com ele no Mar do Norte. O Mar do Norte! Abriu-me as portas. Quando eu era criança, gostava de ler livros que tocavam no Mar do Norte. Mas Gerhard nunca foi atraído para o clima rigoroso do Mar do Norte, sempre apenas para o Sul.

Arnold quis manter as minhas directrizes ao escolher o apartamento de férias: Separar os alojamentos, por favor. De qualquer modo, separem os quartos! E encontrou realmente um. Em Ostfriesland, em Bensersiel.

Mais uma vez ele conseguiu satisfazer completamente os meus desejos. O apartamento era composto por três partes bem separadas. A parte do meio consistia na cozinha e na sala de estar, dali foi para a esquerda para a minha ala, para a direita para a dele.

Foi fácil chegar a um acordo com o Arnold. Sobre a escolha da comida, quem cozinhou o quê e quando, sobre quando fomos passear no Mar do Norte, quando nos inscrevemos para um passeio guiado nos lodaçais, ou quando eu queria ir correr, e espontaneamente o fiz descalço - enquanto ele transportava os meus ténis ao longo da praia.

Mesmo quando ficou muito surpreendido com o meu "comportamento de bota de borracha", como lhe chamou no dia seguinte, deixou-me fazê-lo: Queria ter a certeza de poder sair a qualquer minuto, a qualquer hora. Não, nem sequer queria deixar as minhas botas de borracha no seu carro durante a noite. Nada. A minha! Teu! Tinha-se tornado tão importante para mim! E pôde aceitá-lo, embora tenha ficado muito surpreendido, como me disse mais tarde. Para mim foi outra confirmação: Sim, posso ser livre com ele, e ele não se ri de mim com a minha necessidade de independência, por muito exagerada que lhe possa parecer.

À noite, quando pegou na sua guitarra e cantou canções românticas para mim, comecei a sonhar - as pessoas más não têm canções. Encontrei novamente confiança na espécie masculina - e deixei-o tocar-me ternamente. Como me fez bem a sua mão calma e carinhosa!

"Não tens de dizer nada, papá, eu sei o que se passa", a sua grande filha Frauke recebeu-nos quando parámos juntos no seu apartamento em Oldenburg e ela viu os seus olhos brilhantes.

Sim, tínhamo-nos aventurado no gelo e apaixonado.

E agora?

Ele na Baixa Saxónia no topo, eu na Baviera no fundo. Oitocentos quilómetros!

Anseio! Como nos dias de primeiro amor na adolescência. Quero-vos a vós! Quando pode vir? Posso ir ter convosco? Mais cinco dias! Noventa e seis horas. Era o Arnold. Ele está sempre a pensar claramente.

De duas em duas semanas ele vinha a Munique, ou eu ia de carro até ele. Comprou-me uma mala apenas para as longas viagens de comboio.

Meio ano após a nossa época no Mar do Norte, Arnold procurou trabalho em Munique - e encontrou um emprego, embora já tivesse 54 anos.

"E não se está a afastar tanto da sua família só por minha causa? Eu não podia suportar essa responsabilidade".

Tive muito medo.

Mas ele disse:

"Não, nunca o irei manter contra si, não importa o que nos aconteça".

Cara Vroni, como se teria sentido? Teria acreditado nisso, honestamente? Estava preocupado que pudesse ser chantageado com o seu acto comovente Que ele possa exigir o cumprimento. Se eu assumir a culpa por isto, então você deve...

Teria pensado o mesmo que eu? Ou teria aceite a sua vinda aqui como uma questão natural? Ou como uma honra para ele? Há muitas formas diferentes de ver o mundo.

Foi uma questão muito importante para mim.

Nunca me teria afastado dos meus filhos, embora eles já fossem tão crescidos e embora pudessem ter ficado com Gerhard. Não, nós, meus filhos e eu, tínhamos acabado de nos habituar um ao outro e tínhamos encontrado e desfrutado de nova liberdade no nosso lar mágico.

Muito bem, eu acreditei nele.

"As minhas filhas só viveram comigo nos fins-de-semana. Ainda podem ficar com Ingeborg, ela e o seu namorado Björn têm espaço suficiente. Eles vivem numa grande casa no campo em Hannover, adoram isso. Aí podem frequentar a escola como antes. De qualquer modo, a Frauke vai formar-se em breve".

"Não vai sentir a sua falta?"

"Claro que vou ter saudades deles! Subirei uma vez por mês e visitá-los-ei em Ingeborg, posso dormir na casa deles, se não se importam"?

Como teria lidado com isso, Vroni?

Eu, por exemplo, não estava totalmente livre de ciúmes. Mas o meu lado pragmático era que vale tudo. Aceitar o desafio de ter fé.

Discurso longo engolir curto:

Apanhou um apartamento em Munique. Continuei a viver com os meus filhos em Straßlach.

Não havia maneira de eu o deixar ficar comigo. Só nos conhecíamos um pouco!

Afinal, passámos várias décadas a trabalhar em sistemas muito diferentes, não só a nível regional. Desenvolvemos atitudes diferentes em relação a muitas coisas, hábitos e modos de pensar muito diferentes.

Sério, por exemplo: sempre foi um empregado, mas eu tinha sido independente toda a minha vida. O que isso só a nós nos faz, ao longo dos anos!

Talvez já tenha olhado curiosamente para o anexo do correio e visto a fotografia. Sim, nós ousamos! Não somos nós bonitos?

O jovem atrás de nós, que mostra "orelhas de coelho" por cima da minha cabeça com o dedo, é Raffael, o meu mais novo, que era - lembras-te! - que estava no infantário com o seu Timmy.

Na outra fotografia podem ver os meus quatro filhos a representar uma peça de teatro no nosso casamento. A palavra "crianças" já não é tão apropriada, pois não?

À esquerda, o de barba, é Markus, o segundo nascido, e o jovem de cabelo comprido sem barba é Dominik, o meu mais velho. Depois vê a minha filha Lisa, que foi às aulas de equitação com a sua Melinda. Ao seu lado, Raphael novamente.

As filhas de Arnold interpretaram algumas canções de barracas juntas, tal como tinham feito na sua família nórdica. Acompanhado pela voz e guitarra do papá. As raparigas têm vozes de soprano tão bonitas e confiantes!

Sim, foi assim que aconteceu.

Estou feliz agora?

Que grande palavra. Como pode alguém ser feliz por mais do que um momento! Eu preferia dizer: Sim, estou muito feliz, estou muito bem. A vida é boa. Eu amo a minha vida.

Eu sou eu.

Sim, eu amo a minha vida!

E noto ao longo dos dez anos que Arnold e eu estamos juntos, como os meus cor-de-rosa se misturam com as partículas do pensamento azul claro de Arnold e os seus "azuis claros" se misturam com os meus "cor-de-rosa". Como a nossa interseção comum está em constante crescimento. E a melhor parte é: Posso deixar que isto aconteça. Ele de qualquer maneira. Ele não precisa de estar tão isolado como eu preciso desesperadamente que ele esteja.

A dada altura, os dois círculos de pensamento com as peculiaridades rosa e azul claro irão provavelmente sobrepor-se de tal forma que haverá apenas um círculo com o mesmo número de partículas rosa e azul a flutuar. Esta imagem cria calma em mim. Esforçar-se por uma boa compreensão significa para mim: finalmente, já não há tantas brigas ferozes.

Meu caro Vroni, espero poder encorajá-lo com a minha história. O que durar muito será finalmente bom. A vida não permanecerá tão feia como está consigo neste momento. Li recentemente um graffito: "Aquele que está no fim, pode pelo menos recomeçar".

Abraço-te e estou feliz por ler novamente sobre ti. E dá à Melinda e ao Timmy o meu amor se alguma vez os voltares a ver.

Sabine

PS:

Um exemplo dos círculos de pensamento acima mencionados:

No tráfego rodoviário.

Quantas multas de estacionamento já recebi e tive de pagar, porque gosto de conduzir depressa, sempre mais rápido do que o permitido. É incrivelmente difícil para mim manter o limite de velocidade.

O Arnold, por outro lado, manteve-se sempre, realmente sempre, exactamente fiel a ele. Em zonas urbanizadas: exactamente cinquenta. Em estaleiros de construção de auto-estradas: exactamente sessenta. No estrangeiro, exactamente cento e vinte.

É claro que nunca pensei realmente que a minha maior velocidade fosse errada, e por vezes sorria para a sua exactidão ao lidar com directrizes e regras. Mas fez-me alguma coisa. Afinal de contas, gosto do seu raciocínio fiável e limpo. E dou por mim a conduzir (quase) como a placa redonda com a moldura vermelha quer que eu faça.

Arnold, por outro lado, já recebeu duas multas de estacionamento e está muito orgulhoso delas.

Oitava afluência

"Silvy" e "Armin"

Armin e o iogurte

Armin tinha 53 anos de idade e visitava a sua namorada Silvy em Munique, com quem ainda tinha uma relação de fim-de-semana na altura. Uma grande parte da sua vida já tinha sido vivida, muitas formas de comportamento e pensamento tinham-se tornado um hábito natural.

Nasceu como filho de um engenheiro, que trabalhava como funcionário público para os caminhos-de-ferro numa altura em que estes ainda eram uma empresa estatal. Na casa dos pais de Armin em Heilbronn, muito valor foi atribuído aos procedimentos regulados e à ordem. O pai chegou pontualmente às doze horas do seu escritório ferroviário ao apartamento do ferroviário, que ficava a uma curta distância, onde a mãe já tinha posto o almoço na mesa durante doze horas em ponto. As rações nas placas estavam pouco mas bastante divididas entre a família com os três rapazes. E era também uma questão natural que o pai recebia sempre um pouco mais da carne. A proverbial parcimónia suábia deu o tom na família.

As qualidades aprendidas foram apoiadas pela escolha da profissão de Armin: Como professor, fazia parte da sua rotina diária estabelecer regras, supervisionar a sua observância e ser ele próprio a respeitá-las. Como resultado das suas experiências de infância, ele tinha experimentado a atribuição de rações como uma lei natural e incontroversa e tinha praticado isto com a sua esposa e três filhas de então. Por exemplo, um pacote de seis anões de fruta foi dividido entre as crianças de tal forma que duas das pequenas taças amassadas foram determinadas para cada uma delas por dia enquanto faziam as suas compras.

Silvy, no entanto, provavelmente atraiu Armin precisamente por causa da sua alteridade. Ela gostava de resistir a estruturas fixas, de não estabelecer regras ou a sua própria, para ele muitas vezes regras ilógicas, e mesmo assim parecia ser capaz de sobreviver. Como é que isso foi possível? Trabalhava como freelancer e irregularmente e gastava dinheiro abundantemente quando o tinha. Quando ela tinha pouco, passava pouco. Viveu com os seus quatro filhos numa cabana de bruxas pouco ortodoxa e sinuosa. Os três filhos e a filha, entre catorze e vinte e um, consumiram grandes quantidades de alimentos durante esta fase de desenvolvimento físico. Um frigorífico sempre bem cheio, a partir do qual todos na família se ajudavam quando queriam, era a coisa mais natural do mundo para eles. E o racionamento era uma palavra estrangeira nas histórias de guerra dos seus avós.

O novo casal tinha tomado consciência de certos contrastes no seu modo de vida. Portanto, os dois decidiram manter os hábitos e costumes que tinham vivido anteriormente nas suas famílias por enquanto. Assim, durante a primeira visita de fim-de-semana de Armin à Silvy e aos seus filhos, as compras no supermercado foram inicialmente estritamente separadas: ela fazia as compras para si e para os seus filhos, eles comiam tudo o que ela escolhia sem críticas. E Armin fez as compras por si próprio. Desta vez tratou-se a um copo de iogurte caro com o caro recheio de fruta para sobremesa e enfiou-o sem pensar no frigorifico transbordante.

No dia seguinte, quis comer o seu iogurte. Mas não conseguiu encontrar o copo com que estava ansioso.

Surpreendido e insuspeito, ele perguntou à sua família.

"Onde está o meu iogurte?"

Surpresa, os filhos de Silvy perguntaram de volta:

"Porquê o seu iogurte?"

Nono tributário

"Sandra" e "Arno"

A primeira visita ao seu ex

Sandra e Arno já se tinham encontrado há um ano. Nessa altura, Sandra já estava no final dos anos quarenta, divorciada, e tinha filhos. Arno estava no início dos seus cinquenta anos, também divorciado, e também teve filhos. Ele já se tinha mudado para Munique após alguns meses da sua relação.

Agora desejava que Sandra fosse com ele uma vez ao Norte da Alemanha para se encontrar com as suas três raparigas na sua casa. Durante muito tempo, Sandra tinha adiado a reunião. As suas filhas tinham 12 e 17 e 19 anos e viviam com a sua mãe Corinna na periferia de Hanôver. Foi aqui que o novo namorado da Corinna, Björn, teve a sua casa, e foi aqui que os cinco viveram.

Hansel e Gretel, Branca de Neve, e Frau Holle já tinham atravessado a mente de Sandra várias vezes. Ela estava prestes a tornar-se madrasta!

Nos contos de fadas era sempre a madrasta que era tão má. Como é que ela, Sandra, iria agora preencher este papel? Mas as raparigas tinham a sua própria mãe. E ela não pretendia ser má. Ainda assim, Sandra gostaria de ter definido o seu papel com maior precisão: Seja como for, tem de ser. De uma forma ou de outra, comportar-se-á nesta ou naquela situação. "Antecipação" veio-me à mente. Aprendeu-o no desporto. Antes de uma competição, os atletas costumavam jogar os seus movimentos bem treinados nas suas cabeças.

Ela estava num concurso? Com as crianças? Não, não com as crianças. Mais como a Corinna. Com quem era Corinna com quem Arno estava casado há 20 anos? Aquele de que ele tanto falou? Com quem tinha criado as suas amadas filhas, com regras muito diferentes das que Sandra tinha tido no seu casamento. Era ela bonita, aquela Corinna, mais bonita do que era, Sandra? Mais eficiente? Mais inteligente?

Arno e Sandra tinham acabado de assumir o risco de admitir uma nova relação. Esta nova teve alguma hipótese contra os possíveis confortos da relação anterior e, em caso afirmativo, até que ponto foi completada? Em tantos livros e filmes houve tantas outras saídas de um amor antigo. Será que Arno conseguiria deixá-la ir completamente? E ele tinha de o fazer? Quanto é que a Corinna ainda pertencia à sua vida? A própria Sandra tinha encontrado tempo, juntamente com o seu marido, para ser um tempo muito formativo para si própria. Vinte anos também! Isso não poderia ser simplesmente cortado da vida.

Ela sentiu como os seus sentidos estavam confusos com o pensamento da Corinna. Como ela teria gostado de ter sido simplesmente superior à situação: Agora sou a sua namorada, eu, só eu... Ao mesmo tempo, sentiu-se como se tivesse sido uma adolescente. Ela não tinha amadurecido de todo?

A oportunidade para um encontro surgiu após umas férias de caminhadas na Alsácia. "Poderíamos ir para norte a partir daí", sugeriu Arno. "Já estamos a meio caminho"!

A Sandra já não aguentava mais. Tinha de ser feito. Pelo menos ela podia certificar-se de que não tomavam a auto-estrada, mas a rota do vinho Palatinado. Para que ela pudesse ter mais algumas horas de atraso. À esquerda e à direita da estrada romântica, iluminada pelo sol, extensos vinhedos estendidos, onde inúmeros trabalhadores da vindima apanhavam as uvas maduras. Ao atravessarem as encantadoras aldeias, Sandra e Arno ficaram encantadas com as quintas de vassouras de que tanto tinham ouvido falar: Durante a época de colheita, os viticultores foram autorizados a utilizar a sua própria casa e jardim como tabernas privadas e oferecer aos viajantes o seu vinho com uma refeição caseira à mesa do jardim.

 "Se quiser provar, é bem-vindo para o fazer. Então farei a condução até ao fim", disse Arno. Sandra tinha dirigido uma charcutaria com o seu ex-marido, e a prova de vinhos tinha sido uma rotina diária para ela.

Agora ela também gostava de provar aqui, em privado, sem qualquer formação empresarial - e comprou: Finalmente ela tinha uma lembrança adequada para a Corinna! Isso foi autêntico! Há muitos anos que vendia Federweisser na sua loja todos os Outonos. Sim, uma lata de cinco litros como esta era a coisa certa, juntamente com a flambé de tarte que ela e Arno já tinham comprado na Alsácia.

O sol já se tinha posto há muito tempo, agora era altura de pisar o gás. A sinalização azul das auto-estradas mostrava cada vez menos quilómetros até Hannover. Pensamentos a zumbir de novo. Ainda existiam coisas antigas entre a Corinna e a Arno que ela sentiria agora? Seriam os ciúmes ou a competição? E as crianças, tenho a certeza que estavam felizes com o seu pai. Mas também sobre eles, Sandra? Será que Arno também estaria aqui ao seu lado, ou seria ela então um apêndice despercebido para ele? Aonde mais poderia ela recorrer quando não se sentia nada bem?

Mas Corinna e Björn receberam as duas muito calorosamente. Tinham preparado um jantar e aceitaram de bom grado os presentes. As raparigas agarraram-se amorosamente ao seu pai. A casa irradiava um aconchego amigável. A Corinna revelou-se uma mãe fiel e uma boa dona de casa. No entanto, Sandra sentiu o mal-estar a crescer dentro de si mesma. Que caos ela teve no carro, desde a longa e variada viagem com as muitas estadias em diferentes lugares. Finalmente, sim, finalmente ela queria ocupar-se dos seus interesses, para os quais não tinha tido liberdade durante o seu casamento. Isso trouxe a desordem, ao longo de toda a linha. Cheia de curiosidade, tinha-se atirado a novos reinos. Então, e se a ordem não fosse cumprida? Mas aqui, nesta casa, ela foi trazida de volta a uma vida que tinha querido despojar.

Uma grande discórdia tinha acabado de a dividir por dentro. Separado da velha vida e ainda não chegado à nova, livre, mas pairando sobre um abismo. Era tão profundo, tão escuro que de repente lhe pareceu. Ela alguma vez conseguiria? Com Arno, o seu Arno, que veio desta Corinna?

A Corinna vivia num mundo arrumado, cada pote tinha a sua própria tampa, cada chávena o seu lugar no armário. E como ela tinha posto a mesa de forma bela! Como tudo era bonito aqui. Tão bonita como Sandra tinha sido no seu antigo casamento. Salpicos. Lá estava ela novamente.

Poderá ela alguma vez encontrar a sua saída? Ou encontrar o seu caminho para entrar? Entrar em quê? Havia alguma alternativa real? Tendas nómadas, é basicamente onde ela ansiava, até ao extremo, num deserto onde só a natureza lhe dava regras e nenhuma cultura. Mas não, as casas de yurt não eram comuns na Europa Central. Ela não podia de repente empurrar os seus próprios filhos pequenos para outro mundo! Tiveram problemas suficientes para encontrar o seu caminho na sua nova vida após a separação dos seus pais. Mas ela tinha uma responsabilidade. Certamente que ela só precisava de uma breve pausa. Então tudo voltaria ao normal, como antes, completamente normal, na direcção certa, phew, mais longe. Seria ela alguma vez capaz de lidar com tudo isto!

Sandra aguentou toda a noite com uma conversa amigável até lhe ser atribuída uma cama acabada de fazer com roupa de cama engomada. O seu próprio saco de dormir? Está fora de questão! Vemo-nos amanhã ao pequeno-almoço.

Como a Corinna era perfeita! De manhã, quando Sandra se levantou e desceu as escadas, encontrou uma mesa de pequeno-almoço lindamente posta.

Assim que se levantou, um cheiro doce e frutado estava no seu nariz. Cheirava ainda mais forte aqui em baixo. Hm, beba agora um copo de Federweisser fresco e suculento? Ela estava de férias. Mas não, isso poderia causar uma impressão de tudo incluído nesta casa.

Bjorn já tinha partido para o trabalho. Agora a Corinna, que já tinha iniciado a máquina de lavar roupa, sentou-se com eles.

"Consegues cheirá-lo?" perguntou ela. "Esta manhã às cinco houve um big bang. Literalmente derrubou-me a mim e ao Björn da cama"! De repente, Sandra soube o que tinha acontecido.

"Tinha um pescoço assim quando andei até à máquina de café", disse Corinna. "Tive de ir buscar um balde primeiro! Com uma caçarola de pó empurrei para o molho. E isso fez muita coisa! Várias vezes limpei com água limpa. Bjorn e eu limpámos durante quase uma hora.

Quando entraram na cozinha após o estrondo, encontraram-na inundada de líquido branco. No meio, estava uma lata de plástico branca vazia.

Sandra deveria ter sabido. Sentiu a vermelhidão subir-lhe à cara. Quantas garrafas e latas de Federweisser ela já tinha derramado! Quantos temps na loja e estritamente dependentes dos Festivais de Outono: Abrir sempre a tampa! Deixar sempre a tampa aberta para que o gás de fermentação possa escapar!

 Que isto lhe tinha acontecido, de todas as pessoas, aqui de todas as pessoas! Ela de todas as pessoas! Os seus hábitos, o seu anterior aperto - terá ela atirado tudo borda fora demasiado descuidadamente? Já nada parecia funcionar. Ela já estava demasiado afastada do velho e familiar. Onde estava Arno?

 "Quão arrependida estou", ela trouxe à tona, enterrando a sua cara nas mãos. "Devia ter desaparafusado a tampa ontem à noite.

Cinco litros. Doce e pegajoso! A correr em terreno plano! "Está tudo bem", disse Corinna indulgentemente. O que tornou as coisas ainda piores para o sentimento de Sandra.

Só quando estavam nos braços um do outro é que lhe escapou um suspiro de relaxamento. "Obrigado", disse ela.

"Está tudo bem", disse Corinna.

"Obrigado", disse também Arno, e colocou os seus braços à volta de ambos.

Décimo Influxo

"eu" (e as crianças)

Lisa e o painel publicitário

Se alguém se sentasse connosco no caminho do guarda florestal na casa de banho dos hóspedes, poderia lidar em detalhe com a placa metálica publicitária na parede frontal por falta de outra distracção. Werner tinha-o recebido como presente de um negociante de licores. Ainda havia espaço nesta parede da casa, por isso pendurámo-la lá em cima. A imagem da chapa metálica era DIN A 2 e mostrava uma fotografia instantânea: Mar, mar tempestuoso, angústia, podia-se sentir as tábuas do navio a partir-se à sua volta. No meio de ondas furiosas, a cabeça de um homem emergiu da água apenas ofegante por ar. Ele deveria estar desesperado, mas não está: faíscas de alegria cintilam nos seus olhos, porque, eis que apenas um pouco longe dele está a garrafa tipicamente verde, tipicamente redonda de licor de ervas "ABC". A mensagem publicitária era clara: ABC, tu és a minha salvação!

A cabeça do homem que foi salvo do naufrágio era estreita, quase descarnada, o cabelo molhado batido contra o seu rosto, a barba a pingar. Os olhos cinzentos escuros pareciam límpidos e vívidos sob a testa alta e as sobrancelhas arqueadas fora do mar crepitante.

Durante uma das mudanças nos anos seguintes, decidi que o painel publicitário não encontraria mais espaço na nova casa, e foi descartado. Mas a imagem ...

Desde então, a terra tem orbitado o sol muitas vezes. Chernobyl e a Guerra do Golfo preocuparam o povo, a queda do Muro de Berlim e a reviravolta nos Estados de Leste mudaram a visão do mundo, o milénio e a crise económica mundial fizeram muito barulho, Saddam Hussein e Osama Bin Laden deixaram este mundo, a certidão de saída da escola das crianças e as crises conjugais mantiveram a família ocupada, vários aniversários foram cancelados e a fase de mudança de parceiros dos nossos filhos passou para a fase de relações firmes. Os meus filhos adultos já começaram a chafurdar em nostalgia, e os meus primeiros netos nasceram.

Nos domingos chuvosos, a família alargada encontrava-se por vezes para apresentações de diapositivos. Com crianças e fotografias de família do passado.

"Oh, era tão bom quando éramos crianças e vivíamos na faixa dos guardas-florestais"!

Nesse domingo apenas Lisa e os seus irmãos Markus e Benjamin estavam presentes, os três sem um parceiro. O porco assado crocante de domingo tinha acabado de ser devorado com montes de Oh! e Hm! e Fein! e, tal como muitos bolinhos de pão, a cozinha estava novamente limpa e no ecrã apareceram fotografias de crianças daquela mesma época de Foresterweg.

Quando de repente, ao olhar para uma fotografia, apareceu um silêncio surpreendido.

O slide mostrou Lisa, cerca de oito anos de idade, que se tinha posicionado na casa de banho dos hóspedes junto ao painel publicitário do ABC e acenou alegremente para dentro da câmara.

"Ele parece-se mesmo com o Tommy", eclodiu de Markus.

Silêncio novamente.

Sim, a semelhança com Tommy era óbvia.

"Não me atrevi a dizer isso", sorriu Benjamin, "Lisa podia saltar-me para a cara"!

Agora Markus riu-se em voz alta:

"Eu não acredito! Lisa apanhou o homem do quadro de publicidade, que fixe"!

Silêncio cuidadoso novamente.

Todos nós olhámos para Lisa.

Ela foi ligeiramente enxaguada.

"Bem, sim, eu já tinha reparado nisso antes. Mas eu tinha medo de falar sobre isso". E ela distraiu-nos, dando um tom severo:

 "Mãe, o que achas? Há alguma história da minha infância que eu deva conhecer? Isso é transmitir, não é?"

"Ha ha, Sigmund Freud diz olá", brincava Benjamin.

Também teria gostado de rir sobre esta ligação, mas preferiria conter-me. Reparei como Lisa estava envergonhada.

Mas depois também ela se podia rir.

"Isso correu bem, não correu? Nem todas as mulheres têm a mesma sorte que eu - e encontram o homem"!

Lisa já me deu um neto maravilhoso, mas ela já não está com Max, o seu pai. Acho que o desejo pelo homem do letreiro era mais forte.

Aparentemente apenas Tommy, com o rosto estreito, cabelo e barba como na imagem, com os olhos cinzentos escuros sob as sobrancelhas arqueadas e a testa alta, correspondia aos seus desejos inconscientes. A imagem ideal que a tinha transportado para a idade adulta num canto escondido do seu coração, sem que ela o soubesse.

Ela está com Tommy há três anos.

Um neto dos dois está a caminho para mim.

Talvez eu deva trazer ao Tommy, o nosso Príncipe Encantado, uma garrafa de licor de ervas ABC!

Décimo primeiro tributário

"Rosi", "seu marido", "Achim".

Rosi e os livros

Os pais de Rose vieram como alemães de uma zona muito rural do sudeste da Europa onde, em vez de irem à escola, havia muito mais a fazer: cuidar do gado na pastagem, trazer o feno, debulhar cânhamo para tecer panos de linho no Inverno. Ou para cuidar das ovelhas, cuja lã foi fiada em longas noites de Inverno pelas jovens raparigas, suas mães e avós na roda giratória na grande sala.

O facto de a jovem Elisabeth, que mais tarde deu à luz o seu Rosis, não conseguir soletrar correctamente, não a incomodou em nada.

Ou talvez tenha feito um pouco. Afinal, Elisabeth enviou a sua Rosi, quando tinha dez anos de idade, para uma escola secundária. Ela deveria aprender mais na Alemanha, onde Elisabeth foi enviada como refugiada durante a Segunda Guerra Mundial, do que ela própria tinha aprendido.

O pai de Rosi Johann tinha crescido na mesma região. Em 1928, quando tinha quatro anos de idade, o seu próprio pai tinha deixado a família numa onda de emigração para o Canadá. Como resultado, a mãe de Johann foi obrigada a gerir o seu pequeno negócio agrícola juntamente com os seus dois filhos. Quando era pequeno, Johann cuidava das vacas nos campos, enquanto a sua irmã mais velha e a sua mãe processavam os cereais e os produtos animais para os dias de mercado na cidade seguinte e para as refeições diárias em casa.

Lá fora no pasto de vacas Johann sentia-se livre, ali podia brincar com outros rapazes guardiões, construir fundas e apontar para pássaros, arrancar as pernas dos aracnídeos, atirar gatos pela cauda, ou mesmo apenas esculpir canos de ramos de salgueiro ou agarrar-se aos seus pensamentos.

O facto de ser o único filho de uma só mulher e de ter de ajudar na colheita durante o dia de Verão era uma desculpa comum para o professor da aldeia, e Johann usava-a de bom grado e frequentemente. O facto de a sua mãe já não poder pagar as propinas escolares para além da quarta classe não o incomodava em nada, porque odiava ter de ficar quieto na escola. Ele preferia muito estar no exterior, com os animais.

Como resultado, Johann conseguia soletrar ainda menos do que a sua última esposa Elisabeth, que só conheceu depois da guerra no Ocidente, num local onde os refugiados se tinham reunido. Contudo, também ele aparentemente sentiu as suas deficiências escolares com tanta frequência que disse aos seus filhos: "Aprende, criança, deves ser tratada melhor do que eu.

Sim, ambos eram ambiciosos, os jovens pais. Oferecer aos seus filhos um lar bom e sólido era um objectivo primordial para eles, utilizar o sistema escolar existente na Alemanha para os seus filhos uma grande necessidade.

No entanto, basicamente desconheciam o que significava dar aos seus filhos uma educação.

Não conseguiam compreender porque é que a rapariga foi ensinada a ler romances na escola primária. Os romances eram histórias falsas. Qualquer pessoa que lesse um romance tinha sido uma pessoa particularmente desprezível na sua aldeia. Assim, agora a sua Rosi de doze anos estava a perder tempo valioso a ler romances quando devia fazer os seus trabalhos escolares e aprender alguma coisa. Ela passou o seu tempo com histórias de mentira! As coisas que estavam escritas nos livros, tinha-se ouvido coisas horríveis! Não, o seu Rosi não deveria ler tais coisas!

Então Rosi leu os seus livros em segredo. Ela fingiu fazer os trabalhos de casa durante toda a tarde para não ter de ajudar a sua mãe. E sob o caderno de matemática, que foi aberto para camuflagem, havia um romance de rapariga excitante ou de aventura.

A mãe Elisabeth estava presa no seu próprio negócio, porque tinha decidido complementar o magro salário de trabalhador não qualificado do seu marido com um negócio de carência quente, para o qual ela providenciou um quarto em sua casa. Assim, Rosi estava livre durante a tarde da supervisão constante. E o romance foi rapidamente dobrado e desapareceu na sua mochila escolar assim que ela ouviu os passos que se aproximavam. Assim ela podia devorar maravilhosamente um livro atrás do outro.

Quando todos os colegas de turma já tinham os seus próprios cartões de identificação para a biblioteca pública, Rosi foi clara: ela nem sequer precisava de pedir à sua mãe a assinatura necessária. Ela nunca aprovaria algo tão vergonhoso. Que mais poderia ela fazer senão imitar a assinatura da sua mãe no formulário de candidatura para acesso aos livros do mundo?

A longo prazo, os pais habituaram-se um pouco à visão da sua menina leitora, porque por vezes era conveniente ver a criança ser apanhada quando se tinha outras coisas para fazer. Mas essa leitura era algo proibido, algo inútil, algo que estragava a personagem, estas palavras dos pais tornaram-se firmemente ancoradas na menina em crescimento.

Não é surpreendente que Rosi, como mulher adulta, tenha casado com um homem que detestava a leitura. O disléxico era e quem também considerava a leitura de livros como uma perda de tempo? Quem abanava sempre a cabeça desaprovadamente quando lia um livro? Não admira que Rosi, quando teve filhos, tenha deixado de passar o seu precioso tempo a ler livros?

Mas ninguém conseguia tirar a diversão da leitura. Mesmo que ela já não se permitisse este prazer por prevenção contra a reacção irritante do seu marido - o desejo de ler permaneceu. E para um sofá de leitura na sala de estar. O marido voltou a abanar a cabeça apenas quando ela falou sobre o assunto. "Porquê ter um sofá de leitura se ninguém se vai sentar nele para ler?" Afinal, ele tinha comprado as duas poltronas espalhadas. Poderia sentar-se confortavelmente em frente à televisão. Um sofá de leitura!

E quando as crianças cresceram, e Rosi teve uma tarde de folga aqui e ali, ela começou a escrever também! Ela teve a ideia de ter a sua própria secretária para isso. No meio do negócio diário! Porque o seu marido tinha entrado no negócio por conta própria. E em vez de o apoiar no negócio, ela queria passar o seu valioso tempo a escrever livros, quando todos sabiam que não havia dinheiro para ser feito! Como a sua mulher era simples de espírito!

Pelo menos ela conseguiu ler um livro de vez em quando entre os negócios e a educação das crianças. Durante a leitura enfeitiçada, ela esperava sinceramente que o seu marido não regressasse a casa neste momento enquanto não tivesse terminado este interessante capítulo. Ela não conseguia suportar o seu olhar de sarcástico.

Rosi manteve o seu casamento durante quase vinte anos. Não se separou só por falta de oportunidades de leitura.

Só gradualmente Rosi, como mulher divorciada, se atreveu a comprar um livro numa livraria. Para se aninhar no sofá que ela própria comprara e ficar ali sentada durante várias horas - e ler. Nos anos que se seguiram, ela tomou tempo para tomar consciência dos seus desejos e desejos. Sim, o seu novo marido deve gostar de ler. Ele num sofá, ela no outro, por isso devem deitar-se um ao lado do outro à noite, cada um com o seu livro. Leitura do mesmo para o outro em lugares particularmente bons. Em lugares engraçados riem-se juntos, em lugares tristes pode dizer-se porque chorou agora. Sim, ela queria prestar atenção a isso, apenas os homens que ela queria conhecer na página de procura de parceiros na Internet. Gosta de ler? Sim. Por isso, vou escrever-vos.

Achim era um homem assim. Ele gostava de se deitar no sofá com a sua esposa e de ler. Gostou da forma como ela montou o seu lugar de escrita e seguiu a sua necessidade de escrever. Gostava de ler as suas histórias, encorajou-a a escrever e acompanhou-a a leituras de autores conhecidos. Rosi escreveu agora muitas vezes e ela escreveu muito.

Mas quem se surpreende que Rosi não tenha feito qualquer progresso pouco antes de as histórias, o romance, estarem terminadas? Que de repente largou tudo o que tinha escrito e tinha a certeza de que tinha de arranjar um emprego e ganhar dinheiro agora mesmo, porque não conseguia sobreviver com um livro como aquele. Que Rosi preencheu pasta após pasta com as suas notas e mais tarde criou ficheiro após ficheiro. E uma coisa era certa: ninguém podia usar tudo isto! Quem se importou com o que ela escreveu.

Assim, Rosi envelheceu. Os seus filhos já estavam há muito desaparecidos. E começou a insistir: "Mamã, estás a tornar-te incrível. Mesmo quando éramos pequenos, falava-se em escrever um livro. Agora ainda não temos um"!

Rosi agarrou-a. Não, ela não queria parecer um fracasso para os seus filhos, que dote terrível ela pensava. Ela teve de se safar. Pelo menos um livro.

Mas, mais uma vez, ela escapou. Ela tinha de ganhar o seu sustento! Como é que ela ia encontrar tempo para escrever livros. Ela tinha de fazer o seu trabalho! No máximo, ela só podia ter um livro emocionante no ecrã ao lado do programa aberto para camuflagem, quando o chefe estava ocupado.

"Acreditei realmente em si quando disse em criança que queria escrever um livro", disse-lhe a sua grande filha Lisa uma noite quando Rosi a veio visitar e eles estavam deitados no sofá a ler. Lisa parecia indiferente.

"Mamã, estás a tornar-te inacreditável...", ela sussurrou novamente no seu íntimo. "Mãe, estás a perder a tua credibilidade". Mais alto. "Eu acreditei realmente em ti quando eras criança". Nessa noite, um arrepio correu pelas costas de Rose. e terminou num sacudidela violenta.

Três das namoradas de Rose escreveram livros, e ganharam a vida com isso! Não havia outro padrão antigo que a assombrava, Rosi? Isso impediu-a de realizar os seus desejos?

E agora, finalmente, vamos embora! Pediu aos seus amigos que a ajudassem. As amigas traçaram um plano e declararam Rosi como sendo um caso de dificuldade: sempre que ela não entregasse o número de páginas acordado no tempo dado, teria de convidar as suas amigas para um fim-de-semana de bem-estar num hotel termal. Isso pode ficar muito caro!

Ela compreendeu a dica.

E alguns meses após essa visita, Rosi pôde apresentar este livrinho à sua filha Lisa.

Décima segunda afluência

"eu" e "você"

Sobrevivência

Os nossos quatro filhos têm-me informado repetidamente sobre o seu estado. Ele não me deixou intocado. Durante muito tempo, eu e você não tivemos qualquer contacto um com o outro. Tinha-se mudado para a casa dos seus pais em Nuremberga. Fiquei em Munique. Evitámos conscientemente novos argumentos sobre incompatibilidades nas nossas atitudes em relação à vida. Não foi por nada que escolhemos o caminho devastador do nosso divórcio de luta na lama há quinze anos atrás. E suportaram isto mais do que outra vida juntos.

É claro que os nossos filhos também vivem sob a ameaça da sua doença. Desde a infância, têm experimentado, naturalmente, que foram levados a todas as ocasiões importantes e sem importância, sociáveis e solitárias, empresariais e privadas: Cerveja, vinho, champanhe, licor, muita cerveja.

A nossa casa foi sempre admirada pelas bebidas requintadas que tínhamos para oferecer. Os vinhos eram provenientes de excelentes adegas, que você mesmo seleccionou em Itália e França, mais tarde também na Califórnia para o seu vinho por grosso. Os champanhes que provou directamente nas adegas de Champagne e os mandou entregar de lá; os conhaques foram todos envelhecidos durante muitos anos em barris de carvalho; com a selecção especializada das suas castas Calvados ou mesmo o seu Grappe também ganhou grande reconhecimento entre os conhecedores.

E o que estou aqui a fazer? A primeira coisa que me lembro na minha revista é exactamente isso: o consumo abundante de álcool. Camuflado pela qualidade.

O aperitivo chique antes da refeição, a grande cerveja para saciar a sua primeira sede e para lhe permitir apreciar o seguinte grande menu, o raro champanhe vintage. Depois o nobre vinho branco para a entrada do peixe, o rico vinho tinto aveludado para o prato principal, seguido pelo Bordéus ainda mais antigo, ainda mais maduro, como extensão. No meio, um antigo Norman Calvados foi inserido contra o "Trou normand", o buraco normandês, - hahaha -, que ajuda até à sobremesa, que foi servida na companhia de um belo Sauterne frutado ou de um Gewürztraminer.

O último expresso corretto, "corrigido" com um shot de grappa, não podia ser deixado de pé sem uma prova de conhaque de vindima maduro.

Os convidados frequentes da nossa casa desfrutaram disto e voltaram às suas vidas alegremente bêbados depois de uma tal noite. Mas para nós era quase a vida quotidiana.

Comer e beber, esse era o seu objectivo na vida e o seu sustento. As suas lojas de delicatessen são testemunhas disso. E eu certamente que me baseei na admiração de que desfrutávamos.

Não faltava muito nessa altura, e eu teria descido convosco. Deixei-o mesmo a tempo.

Estou contente por ter tido a energia para dar este passo. Para ser ainda mais honesto: que as minhas hormonas tornaram este passo viável. Para sair da nossa relação conjugal emaranhada, entrelaçada e entrelaçada, que foi fortemente tecida por crianças, dinheiro, negócios, e laços familiares. Eu nolens volens primeiro tive de me apaixonar por outro homem, que o grande poder desta emoção podia dar-me a força para me afirmar e as minhas necessidades contra os meus próprios sentimentos de obrigação, tal como imaginei uma boa esposa.

É certo que o meu comportamento não foi "correcto", e ainda hoje o meu sentido de honra o diz. Quando a minha amiga asiática Saya me mostrou uma nova perspectiva, fiquei muito grato e isso aliviou-me muito a consciência: O outro homem, disse ela, era um anjo para ti, que te redimiu. O outro homem, ele era então apenas uma solução provisória, mas para mim ele era uma solução das garras da co-dependência.

Compreendo muito bem, isso foi uma bofetada na cara para si. A infidelidade é injusta. Acho que não é fácil para ninguém ser abandonado desta forma chamada traição. Sempre foi importante para si não ver ninguém, a não ser você mesmo, na tribuna dos vencedores. Foi isso que lhe tirou tanta força? Ou foi a superioridade do teu pai, da tua mãe, da tua casa? Aspiravas a eles - e nunca os conseguiste alcançar. Nunca mais se pode copiar outra vida.

Mas só estou a adivinhar aqui. Conjectura sobre o porquê de ter escorregado.

Quando a nossa separação parecia inevitável, aproveitou-se rapidamente do afecto de Giulietta e casou com a mulher catorze anos mais nova.

Claro que ela, que era apenas alguns anos mais velha do que o nosso filho mais velho, queria ter filhos consigo. Pediu-me desculpa enquanto o seu filho Matteo estava fora. Não era preciso justificá-lo para mim. Fiquei até contente por Giulietta "ter tomado" conta de si. Fiquei aliviado por já não ter de satisfazer as vossas exigências emocionais, que eram muito exigentes para mim.

Externamente mostrou uma grande certeza: estou a fazer tudo bem. A forma como o faço é boa para todas as pessoas e para o mundo. Isto deu-lhe uma força visivelmente grande, até carisma. Também admirei esta atitude em si.

Hoje sei que escondeu a sua grande vulnerabilidade por baixo. Não deste aos outros a oportunidade (nem mesmo a mim como esposa) de te mostrar o amor do coração, porque isso poderia ensinar-te fraqueza. Assim, já tomou precauções, como um touro, ao virar os seus chifres contra nós. E como se quisesse reforçar as suas forças como este animal externamente, assumiu uma grande circunferência.

Quando Chiara nasceu, o seu sexto filho, muitos à sua volta abanaram a cabeça. Assim, pode-se dizer, que é a sua vida. Mas de alguma forma aqueles que o conheciam tinham a impressão de que você não era o cavaleiro na sua vida.

Agora ele levou-o, o Anjo da Morte. Aos 59 anos, lutou durante muito tempo. Meses atrás, os médicos tinham desistido de si. Os seus rins não estavam a funcionar, o seu fígado não estava a funcionar de qualquer forma.

Os seus filhos escreveram nas fitas da sua grinalda: "Vive em nós". A grinalda estava coberta de flores.

Sim, eu também te amei. De todas as formas que pude. Vindo das minhas próprias confusões. Mas se eu pensasse então que o amor significava sacrifício... Não funcionou. Demorei muito tempo a obter uma perspectiva diferente sobre o amor.

Nos últimos anos, tomei muito tempo para mim e foi-me permitido chegar a esta realização: O amor é altruísta. Mas também precisa de cuidados e alimentação para que possa continuar a florescer. O terreno fértil para a nossa mútua fertilização espiritual, para um desenvolvimento comum, tinha secado. Antes de o sabermos, estávamos indefesos perante a falta de água. Não tínhamos estocado, porque preferíamos dar prioridade ao nosso trabalho na loja ou a momentos divertidos que nos distraíssem das dificuldades.

"Mamã, a maneira como pensas que o papá não te teria aturado de qualquer maneira", disseram os nossos filhos quando vim pedir desculpa por te ter deixado.

No decurso dos últimos anos, pude viver a minha atitude em relação à vida, que no início era provavelmente limitada por velhos padrões familiares:

Eu sou eu e não pertenço a ninguém neste mundo. Gosto de me abrir a outras atitudes e só aceito o que é bom para mim.

Sou eu ao longo da minha história de vida. São as minhas percepções que estão por detrás dos meus pensamentos. As minhas emoções, que foram formadas pelas minhas experiências, os meus genes, a minha história familiar, as minhas experiências de infância, os meus irmãos e talvez até a minha constelação de estrelas; o meu ambiente, o meu sofrimento e as minhas preferências, os meus talentos e as minhas fraquezas; as minhas decisões na minha vida, as certas e as erradas; os desenvolvimentos que resultaram delas, as boas e as problemáticas.

De tudo isto emergiu o meu eu e o meu fluxo pessoal de vida.

Isto inclui-vos e a vossa influência sobre mim em quase vinte anos de casamento.

Porque é que ainda penso em ti tão intensamente depois de tantos anos desde a nossa separação? Eu não teria de o fazer, afinal era eu que queria afastar-me de si.

É devido à forma como a vida dos nossos filhos flui. Não importa quão crescidos e independentes possam ser.

As nossas vidas nessa altura estão nelas como experiências de infância. E, goste-se ou não, afecta as decisões que tomam hoje. Conseguiram experimentar muitas coisas como muito bonitas. Quem me dera que tudo tivesse sido simplesmente bonito para eles. E a feiúra?

O que eu gostaria acima de tudo era de poder contribuir com bons pensamentos sobre vós, para que não tenham de experimentar a paleta de experiências de vida desagradáveis em cada detalhe. Mas que lhes possa oferecer um atalho com os meus conhecimentos.

Para eles, gostaria de poder dizer: Foi tudo bom. Dei a mim próprio a alegria e a realização que me foi possível. Isso é egoísmo? Será isso arrogância? Não, é mais como "excesso de rotação".

Posso, que eu viva com isso.

Para mim e para os meus, os meus, os vossos e os nossos filhos.

São maravilhosos. Agradeço-vos por isso.

Em direcção à foz do rio.

As castanhas estão maduras

Passear por uma avenida de castanheiros que foi recentemente atingida por uma tempestade: quem consegue resistir à atracção dos frutos castanhos acabados de cair e brilhantes? Quem pode realmente continuar e não ter algumas castanhas no bolso do casaco no fim do caminho?

Após um longo fim-de-semana no escritório do meu projecto, cheguei à grande empresa com energia e energia. Alinho imediatamente as minhas presas irradiantes em frente ao ecrã. Decidi espontaneamente ir para casa no início da noite e dar um passeio no parque para reviver o ambiente edificante da manhã.

Quando é meio-dia, vejo o meu desejo matinal desaparecer com todo o trabalho; hoje será novamente tarde até poder ir para casa.

Os meus olhos caem sobre a minha fila de castanhas. Só em alguns lugares é que o belo brilho ainda está presente. Ainda muito suave, mas, entretanto, bolas castanhas e foscas estão à minha frente. E já atirei os restos da semana passada do bolso do meu casaco para o caixote do lixo, porque eles não só se tinham tornado monótonos como também murchos.

Faça-o, agora as castanhas na minha mesa estão a implorar-me. Vá ao parque hoje! Hoje ainda pode desfrutar da alegria que a natureza outonal lhe quer dar. O trabalho nunca vos enviará para fora. A caixa de entrada é mágica. Traz sempre correio novo. Mas continue a ser você mesmo o mestre da magia!

Que, no entanto, não pode influenciar: Amanhã o sol pode estar coberto de nuvens e uma fonte de alegria pode ter desaparecido. Portanto: Faça-o hoje! Realize os seus desejos e desfrute da sua realização, agora.

Porque antes de darem por isso, cinco anos poderiam ter passado e o vosso brilho poderia ser entorpecido, dizem-me as castanhas e chamam a minha atenção para as suas irmãs mais velhas no cesto dos papéis. Se não prestar atenção ao tempo limitado que tem disponível, a sua vida pode até encolher.

Décimo terceiro influxo, ou

Largo é o delta do estuário do rio da vida

As nossas calças de ganga

Sentávamo-nos à mesa na mesma constelação do décimo ao décimo terceiro ano, mas naqueles dias ainda estávamos sentados em filas de carteiras escolares: Conny ao lado de Marion, Christiane ao meu lado, depois Witha - infelizmente, Annette já estava desaparecida ao lado de Witha. Ela tinha morrido de cancro do pulmão há sete anos. Amelie tomou o seu lugar nesse dia, 26 anos jovem e Withas filha.

"Não tinha nenhum curso avançado?", perguntou Amelie.

"Fomos o último ano escolar na Baviera, onde o antigo sistema de classes ainda era permitido. Isso foi exactamente há quarenta anos atrás", respondeu Christiane, uma antiga professora de matemática de uma escola secundária de Munique, agora em reforma antecipada. Divertida, ela olhou para a jovem Amelie - ela usava um piercing nas duas sobrancelhas, e o seu braço direito estava coberto de tatuagens até à ponta dos dedos.

"O que é que os jovens estão a tentar dizer"?

"Não sei, mandei-os fazer quando tinha 16 anos. É simplesmente fixe".

"Foi assim que também nos sentimos nessa altura", defendeu Witha, a mãe. "Lembram-se dos nossos jeans? Esse era o nosso símbolo de rebelião contra o velho povo".

"Jeans?" perguntou Amelie. "Calças de ganga normais?"

Como se ela tivesse agitado um ninho de vespas, nós os quatro respondemos todos ao mesmo tempo:

"Os nossos jeans, eles não eram normais".

"Eles transportaram a nossa rebelião contra a geração dos nossos pais".

"Eu usava as minhas calças de ganga dia e noite. Eram de algodão duro, azul escuro, ganga verdadeira. com um enorme murro. Costura dupla, lembra-se? Nenhuma das quais podia ser cosida, de modo a não criar a costura normal que as calças de tecido dos nossos pais tinham". Era Marion, com um sorriso no rosto.

"As calças de ganga estavam tão apertadas que tivemos de nos deitar de costas sobre a cama para que pudéssemos fechar o fecho e depois abotoar com o estômago para baixo". Ela fez um movimento tortuoso em direcção ao estômago.

"E não se podia realmente sentar nele, só se podia dobrar ligeiramente, e então a força da gravidade ajudou", riu Conny, que tinha aterrado como médico de física no departamento de investigação da BMW.

"Era assim que eles tinham de ser, tão apertados. Só então é que foram verdadeiros jeans que transportaram o que procurávamos: Um sentimento de liberdade".

"Bela sensação de liberdade, tão apertada", riu Amelie.

"Sim, mas para os nossos pais, foi uma coisa monstruosa. Odiavam-no. Calças que só subiam até à cintura e eram tão apertadas que expunham as nádegas e as coxas de uma forma escandalosa".

"A minha mãe tentou convencer-me com bom senso: constringe os órgãos genitais e prejudica a fertilidade", disse ela. "Então não precisarei mais de tomar a pílula", respondi eu. E a minha mãe ficou ainda mais zangada. 'O quê, estás a tomar esta pílula?!""

A rir-se a gabar-se à mesa. E como Amelie olhou sem compreender, Marion, que trabalhou como representante farmacêutico freelance, acrescentou:

"Passaram apenas alguns anos desde que a pílula anticoncepcional foi prescrita por um médico - e apenas por motivos de saúde - Era ainda bastante recente no mercado farmacêutico e ainda não tinha sido suficientemente investigado, e muito menos testado vezes suficientes. No entanto, era muito procurada. Mas o público em geral ainda o considerava como sendo o próprio material indecente do diabo".

"Detesto pensar quanto tempo usámos as nossas calças de ganga e não as lavámos", recordou Christiane.

"É isso mesmo! Como éramos nojentos! Nessa altura, eu estava sempre a brincar com a minha mãe porque ela sempre quis lavar as minhas calças de ganga. Com a sua bela e nova máquina de lavar milagres económicos. Escondi-lhe as minhas calças de ganga todas as noites.

"Sim, como éramos nojentos!" exclamou Witha, mas cheio de entusiasmo. "Durante pelo menos três ou quatro meses usei-os todos os dias, em todo o lado, de manhã à noite, de preferência à noite. E esfreguei as minhas mãos com tanta força nas coxas que ficaram ainda mais baconadas.

"Sim, eles tinham de ser realmente gordurosos".

"Quando os tirou, eles tiveram de ficar parados como um pilar de sal antes de serem autênticos".

A agitar-se à mesa.

E depois novamente, Marion. Ela tremeu.

"Que horríveis éramos então! Essas calças de ganga devem ter cheirado mal em todo o lado que fomos, e também na sala de aula"!

"Era o cheiro da sua geração", disse Amelie, divertindo-se a si própria.

"Afinal de contas, mudamos as nossas cuecas todos os dias. Não era como os nossos pais.

As calças de ganga eram um tema interminável para nós. Pensamos em mais e mais. Que tínhamos visto em fotografias como os jovens, não muito mais velhos do que nós, se encontraram com outros jovens no parque para os tempos livres de domingo - mas todos bem vestidos com fatos, camisas e gravatas. Que falávamos sempre dos nossos jeans no plural - em inglês correcto. Isso também nos tornou diferentes da geração dos nossos pais: eles ainda não tinham aulas de inglês na escola. E ainda, que hoje em dia os jeans são utilizados no singular e são também algo completamente diferente, nomeadamente confortáveis, com um elevado factor de elasticidade. Apanhados por estilistas de moda. Witha, o advogado de hoje, acrescentou que em combinação com uma blusa chique poderia até ser usada num escritório de advocacia.

Depois Conny novamente: "O meu pai nem sequer conseguia pronunciar a palavra. Ele sempre disse Tschinns, Tschinnshose.

"Ele próprio usava sempre apenas 'calças de pano', com aparelho", continuou Conny.

"O meu pai também", recordou Christiane. "Sem suspensórios, as suas calças nunca teriam aguentado. Ele tinha colocado uma enorme barriga para a frente, o que deu às suas calças a forma de um triângulo em ângulo recto. O ângulo recto na curva da coluna vertebral, no vértice a 90°. A hipotenusa levou do umbigo para o calcanhar". Ela usou o dedo no ar para seguir a sua descrição oral.

Nós rimos, sim, sim, a senhora da matemática, mas tínhamos claramente em mente a imagem dos nossos pais.

"A hipotenusa claramente visível através das pregas precisas do templo", acrescentou ela.

"Oh, a minha mãe era uma perita em vincos de engomar", observou Conny.

Isso, mais uma vez concordámos, não foi possível com calças de ganga! Engomado e com vincos na frente e atrás! Isso foi contrário a todas as regras das nossas vidas! Tivemos de falar sobre isso aqui e agora ainda mais.

"E havia pessoas da geração mais velha que pensavam ser progressistas e compravam calças de ganga. "Não em lojas de calças de ganga, como eram na altura, lembra-se, mas em..." - e aqui ela levantou as sobrancelhas e a sua voz para uma ênfase particularmente pejorativa - "... loja de roupa exterior para homens e mulheres". Foram cuidadosamente dobrados no vinco e pendurados com cabides de calças dobráveis. Estas pessoas engomavam sempre os vincos quando as calças de ganga saltavam sobre as pernas e joelhos. Sempre que encontrava pessoas assim, fugia de novo o mais depressa possível".

Amelie, que tinha vindo ao nosso encontro num fato de calças e tinha sorrido para o nosso entusiasmo vezes sem conta, abanou a cabeça ligeiramente indignada.

"É preciso saber que nos queríamos realmente separar da geração que nos precedeu. Para nós, calças de pano e pregas eram o epítome do entupimento. E para nós isto esteve sempre ligado às ideias tradicionais da direita. Remanescentes da era nazi, que os 68ers revoltaram contra alguns anos antes de nós. Porque os antigos nazis já tinham assento em todos os comités da jovem República Federal. Lembro-me também dos muitos homens com uma só perna, com um só braço, abatidos. Eles ainda determinam muito a cena de rua da minha infância", disse eu.

"No final apoiámos o movimento comunista dos trabalhadores com os nossos jeans", pensou Witha em voz alta. "As calças de ganga eram originalmente calças da classe trabalhadora. Quem entre nós não era canhoto nos anos setenta! Só não queríamos ser tão de direita como os nossos pais tinham sido! "Extremamente, tal como a juventude, nós derivámos para o campo exactamente oposto".

"E o que resta do nosso tempo agitado"? Um olhar incerto da minha parte para o círculo. Sabia pelo menos uma resposta.

"Bem, bastante! Ao estabelecer os nossos jeans na sociedade, introduzimos finalmente a moderna sociedade do lazer. Talvez os nossos jovens tenham de questionar isso novamente hoje. Muitos jovens anseiam agora pela ordem que lançámos de forma tão permanente naquela altura".

"Oh sim, eu adoraria ir ao parque no domingo para jogar voleibol com as minhas calças e pregas", riu Amelie maliciosamente. "Isso seria ordem, ordem real!"

Conteúdo

Lifestream, fluxo! 7

Muitas estradas conduzem através de Roma 9

Encantador 29

Blue Hawaii 35

A Sra. Fall e o seu Sr. Psicólogo 72

Fantasmas 77

O lote das sogras 95

O que dura muito 104

Armin e o iogurte 125

A primeira visita ao seu Ex 129

Lisa e o painel publicitário 138

Rosi e os livros 143

Sobrevivência 153

As castanhas estão maduras 162

As nossas calças de ganga 165